

UNESP – Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Departamento de Comunicação Social

O Corpo Deseja: olhares sobre a sexualidade da
pessoa com deficiência

Orientando
JULIANA RIBEIRO DA SILVA

Orientador:
Prof. Dr. MARCOS AMÉRICO

Banca examinadora:
Prof. Dr. LARISSA PELÚCIO
Prof. Dr. DENIS PORTO RENÓ

Bauru – SP
2017

UNESP – Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Departamento de Comunicação Social

O Corpo Deseja: olhares sobre a sexualidade da
pessoa com deficiência

Juliana Ribeiro da Silva
131061601

Projeto Experimental apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Radialismo, ao Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", atendendo à resolução de número 02/84 do Conselho Federal de Educação.

Bauru – SP
2017

Dedico este trabalho às pessoas que buscam conhecer um pouco mais de si e de quem as rodeia.

Agradeço primeiramente à minha mãe por sempre buscar o melhor para mim e me fazer acreditar que meus sonhos podem ser realizados; ao meu irmão por me apoiar e acreditar em minhas decisões e ao meu pai que mesmo após sua vida me proporcionou a estrutura para a minha formação.

Além disso, agradeço a todas as pessoas envolvidas no projeto e aos que contribuíram para sua realização, principalmente à minha equipe por estar sempre presente durante a produção e também pelo apoio emocional e troca de conhecimentos, em especial a: Felipe Gabriel Bernardo, Laís Paiva e Raquel Oyakawa. Ao meu orientador, Marcos “Tuca” Américo, por ter acreditado no projeto e incentivá-lo. Ao Alexandre Canda pela valiosa ajuda prestada através de dicas de direção e uso dos equipamentos e ao Felipe Godoy pela revisão do trabalho escrito. Também agradeço à equipe do Canal Futura por proporcionar uma troca de experiências inimaginável que se mostrou fundamental para o delineamento do projeto.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Img. 1- Plano geral (Dafne)	25
Img. 2- Plano próximo (Dafne).....	25
Img 3- Inserts (Dafne).....	26
Img. 4- Plano geral (Paula).....	27
Img. 5- Plano próximo (Paula).....	27
Img. 6- Inserts (Paula).....	28
Img. 7- Plano geral (Márcia).....	29
Img. 8- Plano próximo (Márcia).....	29
Img 9- Inserts (Márcia).....	30
Img. 10- Plano geral (Marco).....	31
Img. 11- Plano próximo (Marco).....	31
Img.12- Inserts (Marco).....	32
Img. 13- Ensaio Grupo Solidariedança (1).....	33
Img. 14- Ensaio Grupo Solidariedança (2).....	33
Img. 15- Estrutura narrativa (Teaser).....	34
Img. 16- Estrutura narrativa (Desenvolvimento 1).....	35
Img. 17- Estrutura narrativa (Desenvolvimento 2).....	35
Img. 18- Estrutura narrativa (Fechamento).....	36
Img. 19- Modelo de autorização de imagem e voz/imagem e performance (folha 1).....	55
Img. 20- Modelo de autorização de imagem e voz/imagem e performance (folha 2).....	56
Img. 21- Informações técnicas para o produto de acordo com o Canal Futura (1).....	57
Img. 22- Informações técnicas para o produto de acordo com o Canal Futura (2).....	58
Img. 23- Informações técnicas para o produto de acordo com o Canal Futura (3).....	59
Img 24- Informações técnicas para o produto de acordo com o Canal Futura (4).....	60
Img 25 - Arte do DVD (capa).....	61
Img 26 - Arte do DVD (disco).....	61

LISTA DE TABELAS

Tab. 1 – Período de gravação	22
Tab. 2 – Cronograma de gravação	23
Tab. 3 – Equipe de produção.....	47
Tab. 4 – Logística de produção e orçamento.....	48
Tab. 5 – Equipamento e providências para as gravações.....	49
Tab. 6 – Gastos Realizados.....	50

SUMÁRIO

Introdução.....	01
Capítulo 1 - Sexualidade e a pessoa com deficiência	05
1.1- Sexualidade como cultura e construção da identidade.....	05
1.2- Pessoa com deficiência.....	07
1.3- Discussões acerca da sexualidade da pessoa com deficiência.....	10
Capítulo 2 - Documentário: características e a produção independente.....	14
2.1- Pré-produção	18
2.1.1- Até o encontro com o Canal Futura	18
2.1.2- Após o encontro com o Canal Futura.....	19
2.2- As gravações	23
2.2.1- Gravações com Dafne Anãzinha.....	23
2.2.2- Gravações com Paula Ferrari	26
2.2.3- Gravações com Márcia Gori	28
2.2.4- Gravações com Marco Gavério.....	30
2.2.5- Gravação com o Grupo Solidariedade.....	32
2.3- Pós- produção	33
2.4- Os assuntos abordados no produto final	37
2.4.1- Márcia Gori	37
2.4.2- Dafne Anãzinha.....	38
2.4.3- Marco Gavério	39
2.4.2- Paula Ferrari	40
Considerações Finais	41
Referências Bibliográficas	42
Apêndice.....	46
Anexos.....	54

RESUMO

Juliana Ribeiro da Silva

O Corpo deseja: olhares sobre a sexualidade da pessoa com deficiência

Trabalho de Conclusão de Curso – Comunicação Social - Radialismo

Orientador: Prof. Dr. Marcos Américo

Este trabalho apresenta todos os processos para a elaboração do curta documental “O corpo deseja”. O produto, de aproximadamente quinze minutos, traz como tema central a sexualidade da pessoa com deficiência e busca dar voz a essas pessoas, além de mostrar como a sexualidade é uma construção social tendo papel significativo na forma como os indivíduos se veem e são vistos. A pesquisa mostra todo o processo de produção audiovisual: desde o desenvolvimento do tema, passando pela pesquisa bibliográfica, as consequências da inscrição no edital e todo o processo de pré-produção, produção e pós produção. Este relatório evidencia também a importância de se discutir o assunto abordado tanto na vivência em sociedade quanto nas produções acadêmicas e midiáticas.

PALAVRAS-CHAVE

“O corpo deseja”, sexualidade, pessoa com deficiência, construção social, documentário, curta documental, produção audiovisual.

ABSTRACT

This research shows the entire production process of the short documentary film “O corpo deseja”. The Project, approximately fifteen minutes long, has as central subject the sexuality of people with disabilities, and it tries to give this group voice, besides showing that sexuality is a social construction with a significant role in people’s perception of themselves and in society’s perception of them. The research shows the entirety of the production: beginning with the theme development, going through the bibliography study, the aftermath of the contest and the progress through pre-production, production and post production. This paper also explores the importance of discussions about the topic in ordinary lives apart from academic and media production.

KEY-WORDS

“O corpo deseja”, sexuality, people with disabilities, social construction, short film, documentary, audiovisual production.

INTRODUÇÃO

Introdução

Este relatório trata da idealização e desenvolvimento do documentário intitulado “O corpo deseja”, com duração de aproximadamente quinze minutos, e busca ressaltar a importância da discussão sobre a sexualidade da pessoa com deficiência. Ao tratar de um assunto considerado tabu o produto audiovisual buscou dar voz à um classe marginalizada, mostrando as opiniões e experiências dos convidados. Durante a redação do relatório, buscou-se teorias das sociais e antropológicas para alcançar uma visão mais abrangente da sexualidade e como ela é afetada pela cultura, história e demais características da sociedade na qual está inserida, houve também uma pesquisa sobre o que é deficiência e como estes conceitos são construções sociais. Apesar da pesquisa realizada, tanto para a produção audiovisual – para melhor poder encaminhar à conversação – quanto para o desenvolvimento desse trabalho escrito, não houve grande aprofundamento nas teorias sócio antropológicas, já que o documentário deveria ser o destaque do projeto de conclusão de curso. Com isso buscou-se uma visão mais geral acerca das pesquisas e trabalhos que discutiam o tema escolhido. A maior parte desse documento serve para evidenciar todas as etapas que compreenderam o processo de criação e desenvolvimento do produto, servindo também para explicar como algumas questões discutidas pelas teorias podem ser encontradas na conversa com as personagens.

As produções audiovisuais envolvendo pessoas com deficiência ainda são bastante escassas e, dentro desse pequeno espectro de obras que tratam o tema, pouco espaço é dado para que o grupo¹ analisado possa ter protagonismo e falar por si mesmo. Tendo isso em vista, um dos grandes diferenciais dessa produção é que a diretora pertence ao grupo o qual o documentário se foca. A relevância acadêmica desse projeto é compilar algumas teorias a respeito da sexualidade da pessoa com deficiência e, principalmente, mostrar o desenvolvimento de um produto audiovisual que pouco se discute na mídia e como a universidade e editais que incentivam obras audiovisuais possa abrir espaços para pessoas que até então não tinham acesso à estas produções. Além da importância midiática e acadêmica, há principalmente um destaque para a relevância social que o produto pode alcançar ao mostrar à sociedade que as pessoas com deficiência possuem sexualidade e que ela deve ser discutida

¹ Nesse trabalho o termo “grupo” refere-se a todas as pessoas com deficiência e independe do tipo da deficiência (física, sensorial, intelectual ou múltipla), deixando à parte as discussões sobre a individualidade de cada um.

para o bem do indivíduo, além de ressaltar que a imagem assistencialista associada aos integrantes desse grupo gera muitas vezes uma visão equivocada sobre o indivíduo.

Para que se entenda o desenvolvimento do projeto é preciso explicar que este relatório foi dividido em dois capítulos centrais sendo que o primeiro buscou definir a importância da sociedade na construção da sexualidade e do conceito sobre deficiência – expondo algumas teorias e concluindo outras, que foram possíveis graças a discussão do tema com os entrevistados – enquanto o segundo é composto pelo desenrolar da produção do documentário, onde são mostradas as dificuldades encontradas e também expostas as resoluções para o andamento da produção.

O primeiro capítulo, “Sexualidade da pessoa com deficiência”, resume a pesquisa acadêmica realizada para o projeto. O estudo parte da definição de cultura e como ela em conjunto de outros fatores presentes na sociedade são responsáveis para a construção da identidade e a formação social do indivíduo – fatores como história, gênero, classe social, etc. Além disso, houve uma pesquisa sobre o histórico do tratamento dado à pessoa com deficiência e as teorias que determinaram a diferença entre lesão e deficiência, levando a discussão para suas influências sociais e deixando de ser tratada apenas pela visão médica. Também nesse capítulo foram expostas algumas ideias expostas no documentário e apresentada uma breve pesquisa sobre a teoria *crip*: que estuda a sexualidade e os corpos desviantes.

Já no segundo capítulo, "Desenvolvimento, produção e análise do produto", foi abordado todo o processo de criação, incluindo a inscrição no edital promovido pelo Canal Futura, o processo de construção e toda a rotina produtiva do documentário – pré-produção, produção e pós-produção – evidenciando todos os problemas encontrados durante as gravações e a forma como foram resolvidos. Ainda nesse capítulo, foram expostos os temas discutidos durante o projeto, assim como uma análise de como tais assuntos relacionam-se com as teorias pesquisadas.

O projeto tem como seu principal objetivo dar voz às pessoas com deficiência, para que possam falar abertamente sobre sua sexualidade, suas experiências e opiniões. Com isso buscou-se acabar com os mitos sobre a assexualidade ou a hipersexualidade das pessoas desse grupo e, também fazer com que essas discussões alcançassem maior divulgação (por se tratar de um produto audiovisual que pode ser transmitido em meios de grande circulação). Ainda no campo social, o projeto ajuda, mesmo que indiretamente, a promover a participação de pessoas com deficiência nas produções audiovisuais, onde poderão falar de temas recorrentes a esse grupo minoritário. Ao mesmo tempo, no âmbito acadêmico, o trabalho acaba por ligar as teorias existentes sobre deficiência e sexualidade aos discursos produzidos pelas personagens.

A metodologia utilizada foi o estudo prévio sobre a sexualidade como construção social, a diferença entre lesão e deficiência, além da forma como esses e outros fatores sociais podem afetar na construção do indivíduo. Foram pesquisados modelos diferenciados de documentários, além de intensa pesquisa bibliográfica sobre a produção desse tipo de conteúdo audiovisual. Com o término do período de produção, houve mais uma rotina de estudo, um pouco mais aprofundada, sobre as teorias acerca da sexualidade e da pessoa com deficiência, finalizando com a relação de tais teorias ao produto final.

CAPÍTULO 1

Sexualidade e a pessoa com deficiência

Capítulo 1 -

Para a construção do documentário “O corpo deseja” foi necessária a leitura de temas relacionados a sexualidade, cultura e construção da identidade. Com isso, houve um olhar nas teorias sócio antropológicas, apesar deste não ser um estudo aprofundado já que o foco do trabalho é o produto audiovisual.

O principal objetivo a ser alcançado com os estudos sócio antropológicos foi buscar a compreensão da maneira como a sociedade vê e encara a pessoa com deficiência, relacionar essa visão à sua sexualidade e esclarecer como esse tema é importante para a construção do indivíduo.

1.1- A sexualidade como cultura e construção da identidade

Cultura é uma palavra que pode ter várias interpretações. Segundo Roberto Mattos, de acordo com o conhecimento popular, cultura pode ser entendida como a quantidade de informações, conhecimento e leituras que um indivíduo possui, que o identifica como uma pessoa culta; também serve para diferenciar um grupo, o que pode causar uma segregação ou até mesmo preconceitos com outros povos. Contudo, aqui o conceito de cultura será tratado de forma diferente, ele é visto como o conjunto de costumes/hábitos da vivência de uma determinada sociedade ou grupo social. Ainda de acordo com o autor:

De fato, quando um antropólogo social fala em "cultura", ele usa a palavra como um conceito chave para a interpretação da vida social. Porque para nós "cultura" não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de "civilização" mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Cultura é, em Antropologia Social e Sociologia, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. (MATTÁ, 1981, p.2)

O conceito sobre cultura, ainda segundo Mattos, permite que o indivíduo entenda melhor a si mesmo. Partindo da ideia de que cultura são as formas de viver de uma sociedade, sabemos que a sexualidade é desenvolvida devido a história, o lugar e a cultura na qual está inserida. Por conta disso, sabemos que esse é um tema que pertence a esfera política. Assim, segundo Weeks (2000), é preciso conhecer o contexto histórico, social e político da sociedade para conseguir uma resposta sobre as atitudes em relação ao corpo, sua visão pessoal, para assim compreender

a sexualidade como ela é vista pela sociedade que a compõe. Ou seja, a sexualidade é uma construção social que depende da cultura a qual o sujeito é inserido.

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. (LOURO, 2008, p.2)

Por isso é possível afirmar que a sexualidade é aprendida e desenvolvida junto com o indivíduo, sendo estritamente relacionada ao ambiente em que se insere. Guacira reforça que “é indispensável observar que, hoje, multiplicaram-se os modos de compreender, de dar sentido e de viver os gêneros e a sexualidade”.

Com a revolução sexual e a liberdade, principalmente conquistadas pelas e para as mulheres ficou mais fácil falar sobre sexualidade e também estudá-la como parte da cultura e da formação de identidade individual. O sexo é “um elemento essencial na feitura corporal de uma pessoa (“constituição”), é o determinante de nossas personalidades e identidades” (WEEKS, 2000). Sendo assim, o indivíduo é formado por um conjunto de identidades, em que cada uma delas é interferida por sua cultura. Como um dos pilares dessa formação de identidade se encontra a sexualidade, em conjunto com todas as outras características do sujeito. Uma das formas de se construir a sexualidade é tomar ciência dela desde jovem, segundo Guacira Lobos em seu texto “Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas” a sexualidade se desenvolve com o indivíduo – levando em consideração religião, cultura, acesso à informação etc. – assim como todas as outras características que irão englobar o sujeito. É através do contato com o outro que o indivíduo constrói a si mesmo, ou seja, são nas relações interpessoais que o sujeito é definido. Sendo assim é possível expressar que a sexualidade, o acesso ao corpo do outro e sua construção nesse contato são estritamente políticos, já que corpo é um elemento político.

Apesar dos grandes avanços na liberdade sexual, a sociedade não trata todos os indivíduos da mesma forma quando o assunto é sexualidade. Ainda se encontra empecilhos ao se falar de sexualidade quando ela esbarra em temas tidos como tabu ou fortemente marginalizados. Um dos grandes exemplos dessa variação da sexualidade está em suas relações de gênero. Guacira explica em seu texto essa variação de gênero e sexualidade que é construída socialmente: para se ser mulher é preciso conhecer um conjunto de regras, hábitos e características, assim como para se constituir homem. Gênero é aprendido, é uma construção social, assim como a

sexualidade. Atualmente essa dicotomia homem/mulher, heterossexual/homossexual vem desaparecendo e dando espaço para as pessoas que se encontram em meio às fronteiras. O desenvolvimento da tecnologia foi responsável por mudanças nos hábitos, costumes, visões de mundo e também na sexualidade.

De acordo com as questões de gênero, a sexualidade ainda é passada de uma forma bastante tradicional e os grupos que não se enquadram nessa relação são marginalizados. À exemplo, a sexualidade da mulher ainda é considerada tabu. Pouco se ensina às mulheres sobre conhecerem seus corpos e gostarem dele, o sexo não é “permitido” da mesma forma que para os homens – a mulher ainda é mal vista quando leva uma vida sexual ativa sem um parceiro fixo, o sexo não é discutido para crianças e pouco se fala das mudanças corporais que as adolescentes passam. Claro que há discussão desses temas, porém focadas apenas no âmbito biológico, mudanças hormonais e materiais do corpo. Com isso a sexualidade feminina não é tão incentivada quanto a dos meninos, não sendo incomum encontrar mulheres que não conheçam seus corpos, que são reprimidas sexualmente ou cheias de tabus. Assim como o exemplo, há outras formas de se enxergar a sexualidade de acordo com o conceito de raça, orientação sexual, classe social, questão de corpos diferentes – como por exemplo o caso das pessoas com deficiência.

1.2- Pessoa com deficiência

Antes de entrar no principal assunto abordado no trabalho, é preciso identificar o que se entende como deficiência e também a forma como ela está sendo tratada: sem levar em consideração a visão médica sobre o tema, como será explicado mais à frente a diferença entre corpo lesionado – pelo viés da medicina – e a pessoa com deficiência que segundo Gavério (2010) é aquela que passa pela “situação opressiva e discriminatória exercida socialmente sobre os corpos com lesões”. Para isso é preciso conhecer um pouco sobre o desenvolvimento de algumas teorias e como a deficiência vem sendo analisada ao longo dos anos.

As pessoas com deficiência sempre estiveram presentes na sociedade e a forma de lidar com esses corpos considerados desviantes foi mudando com o desenvolvimento da sociedade. De acordo com L. Fernandes, A. Schlesener e C. Mosqueira, em tempos remotos, as pessoas com deficiência eram muitas vezes mortas ou abandonadas, sendo que se considerava que tais corpos eram assim devido a um castigo divino ou tratavam-se de representações de corpos possuídos. Contudo, com o desenvolvimento dos direitos humanos, principalmente devido ao

surgimento do cristianismo e o aumento na quantidade de pessoas com deficiência, foram criadas instituições que serviam para cuidar de pessoas com deficiências físicas, mentais ou sensoriais. Essas instituições tinham como objetivo tratar a pessoa com deficiência para que mais tarde ela voltasse à sociedade, contudo tais estabelecimentos se assemelhavam a asilos ou prisões pois mantinham as pessoas longe de seus familiares e tinham poucos tratamentos realizados dentro de suas dependências – principalmente por não levar em conta as necessidades individuais de cada "interno".

Por conta das guerras houve um considerável aumento no número de pessoas com deficiência o que culminou na instauração de novos recursos para lidar com essas pessoas, principalmente os considerados heróis de guerra. O problema das instituições até então estabelecidas era o isolamento de um grande número de indivíduos, até que tornou-se insustentável a manutenção de um grande número de pessoas economicamente improdutivas dentro de uma instituição; além disso, estudiosos começaram a descobrir que essas instituições não estavam fazendo o papel que deveriam fazer: tratar os pacientes para sua posterior reinserção na sociedade. Começou assim o processo de desinstituição. Essa integração das pessoas com deficiência na sociedade era, principalmente, para livrar o sistema político-econômico da responsabilidade e dos gastos financeiros que haviam em manter essas pessoas nas instituições.

Tal processo, fundamentou-se, então, na ideologia da normalização, que representava a necessidade de introduzir a pessoa com deficiência na sociedade, ajudando-a a adquirir as condições e os padrões da vida cotidiana o mais próximo do normal, quanto possível. O princípio da normalização, portanto, deu o apoio filosófico ao movimento da desinstitucionalização, favorecendo tanto o afastamento da pessoa das instituições, como a provisão de programas comunitários planejados para oferecer serviços que se mostrassem necessários para atender as suas necessidades (ARANHA, 2001, p.15).

Ainda segundo esses autores, com a desinstitucionalização foram criadas organizações ou entidades de transição, que eram locais menos isolados que as instituições até então existentes e com uma ideologia de normalização de seus pacientes através do desenvolvimento de atividades que visavam sua inclusão na sociedade. Contudo, esse movimento gerou inúmeros problemas e acabou sendo também interrompido, pois muitas pessoas com deficiência não conseguiram desenvolver o que era esperado e também porque o objetivo do indivíduo em se ajustar à sociedade e a ideia de que a pessoa precisa se aproximar aos padrões considerados “normais” não era bem visto pelos ativistas com deficiência. Por conta disso foi desenvolvido o termo "inclusão", que sugere que a responsabilidade na integração do sujeito seja da

sociedade, oferecendo-os as mesmas oportunidades e direitos estendidos ao restante da população.

Os estudos sobre deficiência, denominados atualmente como *desability studies*, começaram a ser feitos por ativistas homens, em sua maioria com lesão medular, e tinham como suas principal divergência o modelo médico. Tal modelo, segundo Débora Diniz, dizia que as mudanças deveriam vir do indivíduo, para eles o tratamento e a cura residiam na pessoa; já os ativistas sociais enfatizavam que a mudança deveria ocorrer na sociedade e não no homem. Houve, principalmente, o desenvolvimento da teoria do que é lesão e o que é deficiência, diferente do modelo médico que equipara essas nomenclaturas:

Cumprir destacar que, seja como um dado empírico ou um signo, concebemos o fenômeno da deficiência como um processo que não se encerra no corpo, mas na produção social e cultural que define determinadas variações corporais como inferiores, incompletas ou passíveis de reparação/reabilitação quando situadas em relação à corponormatividade, isto é, aos padrões hegemônicos funcionais/corporais. Nesse sentido, a deficiência consiste no produto da relação entre um corpo com determinados impedimentos de natureza física, intelectual, mental ou sensorial e um ambiente incapaz de acolher as demandas arquitetônicas, informacionais, programáticas, comunicacionais e atitudinais que garantem condições igualitárias de inserção e participação social. (MELLO, NUENRNBERG, 2012, p.2).

Sendo assim, segundo esses cientistas, se a sociedade se adaptasse, principalmente às questões arquitetônicas e ao transporte, as pessoas com deficiência poderiam ter a sua independência e, assim, tornarem-se indivíduos produtivos economicamente. Por outro lado, essa caracterização de deficiente dos ativistas sociais não engloba um grande número de pessoas com deficiência, já que, a depender do grau de lesão do indivíduo, o mesmo não poderá ser produtivo e independente como fora proposto.

Foi através dos estudos feministas que houve uma maior preocupação com essa grande parcela das pessoas com deficiência. A partir de então começou-se a se preocupar com aqueles que, apesar das mudanças que poderiam ocorrer na sociedade, ainda assim não seriam indivíduos produtivos. Os mesmo estudos ainda trouxeram à discussão as questões das restrições intelectuais de algumas pessoas e também o papel da cuidadora que até então era ignorado. As cuidadoras são, em sua grande maioria, mulheres que cuidam dessas pessoas com deficiência e que até então não faziam parte das discussões dos cientistas sociais.

A sobrevalorização da independência poderia ser um ideal perverso para inúmeros deficientes incapazes de alcançá-la. Há deficientes, em que as lesões

são tão graves e limitantes, que jamais terão habilidades para a produção, não importa qual tamanho do ajuste social e a ser feito. Para esse grupo de deficientes, a saída são princípios de bem-estar não assentados em uma ética individualista ou da produção, mas no princípio da interdependência das pessoas, um fundamento que, infelizmente, o modelo social não seria capaz de considerar legítimo. (DINIZ, 2003, p.4).

Além de enfatizar a figura das cuidadoras e também das pessoas com deficiência que não chegariam à independência mesmo após os necessários ajustes sociais, esse grupo de ativistas também botou em discussão que a vivência humana é relacionada com a interdependência. Utilizando-se da teoria de Eva Kittay, os estudiosos Anahi de Mello e Henrique Nuernberg afirmam que a interdependência é intrínseca às pessoas com e sem deficiência, pois o ser humano é incapaz de viver sozinho e inteiramente independente.

Ainda no século XX surgiram teóricos que buscaram discutir a sexualidade das pessoas com deficiência, um assunto que ainda é tabu pra grande parte da sociedade. Apesar dos vastos estudos sobre sexualidade, quando se fala da pessoa com deficiência, que é constantemente infantilizada, esse assunto é evitado ou até proibido de se discutir.

1.3- Discussões acerca a sexualidade da pessoa com deficiência

Já se foi discutido anteriormente a história de exclusão vivida pelas pessoas com deficiência e como isso reflete no tratamento para com esse grupo ainda hoje. Mesmo com os direitos conquistados pelos ativistas com deficiência, os antigos costumes de exclusão ainda são vistos na atualidade. As questões sobre acessibilidade tiveram grandes avanços, mas muitos ainda precisam acontecer. A sociedade ainda precisa enxergar que a pessoa com deficiência ocupa os espaços e é um ser social. Há muito mais presença de pessoas com deficiência nos ambientes públicos, mas essa presença ainda causa estranhamento nas pessoas. A deficiência ainda é vista como uma fatalidade o que acaba por passar a imagem de que o indivíduo é um sobrevivente às catástrofes da vida ou então trata-se de um ser iluminado que está presente para enfrentar às adversidades do mundo. O resultado desse olhar da sociedade pode influenciar na forma como esse indivíduo é construído como agente social

Apesar das discussões acerca das necessidades, como o direito da pessoa com deficiência de ocupar os espaços, não são só esses assuntos que se mostram necessários para a formação de um indivíduo pleno. A sexualidade é um desses exemplos, mesmo sendo ignorada sabemos que se trata de um assunto essencial para a construção do indivíduo - como vimos anteriormente

– tendo impacto inclusive em sua forma de agir, de ver a si mesmo e de se envolver com o próximo (o que reforça a ideia de que o sujeito se constrói em contato com o outro).

A sexualidade da pessoa com deficiência costuma ser um assunto pouco discutido tanto em casa como na escola ou demais espaços públicos. Vale ressaltar que essa visão também muda de acordo com questões de gênero, etnia, classe social, ou seja, varia de acordo com as culturas em que se está inserido. Contudo, esse assunto ainda é considerado tabu, ainda mais se comparado como o tema é visto entre as pessoas sem deficiência. Por ser um assunto “proibido” é bem comum o indivíduo com deficiência não desenvolver sua sexualidade, o que pode gerar consequências que irão afeta-lo durante toda a vida. A visão de que tal grupo é composto quase que unicamente por sujeitos assexuados é presente e segue sendo reforçada pela visão infantilizada, superprotetora e assistencialista da sociedade. Por ser comum considera-los como indivíduos “frágeis”, que precisam de ajuda, pouco se discute sobre suas relações com o próximo. Além da visão que remete à assexualidade, há também os considerados “hipersexualizados”, que são muitas vezes as pessoas com deficiência intelectual, para quem pouco é ensinado sobre suas transformações hormonais, o que acaba por fazer com que os mesmos deem ao seu instinto sexual uma prioridade maior que o “normal”.

Apesar do relativo silêncio sobre o assunto, mais recentemente começaram a surgir pesquisadores que investigam e desenvolvem teorias sobre a sexualidade do grupo em questão. Segundo Maia, a sexualidade é um direito do indivíduo e não pode ser controlada ou reprimida pelos valores das classes dominantes que a define. Ou seja, a sociedade que "deficientiza" o indivíduo não pode privá-lo de sua sexualidade. "Na medida em que entramos nos período conhecido como 'pós-modernidade', é provável que vejamos uma nova e radical mudança nos modos como nos relacionamos com nossos corpos e com suas necessidades sexuais." (MAIA, 2006). Para esses estudiosos, o silenciamento acerca da sexualidade pode vir a acarretar grandes dificuldades na formação do indivíduo. Segundo Pinel (1999, p.218), citado por Maia:

A sexualidade nasce e morre conosco, transformando-se com a idade em experiência e acontecimentos de nossa vida. Diante dessa verificação, é preciso afirmar que a sexualidade, direito intrínseco ao ser humano, não pode ser abolida ou marcada pela sociedade. Mesmo que esta discipline atitudes e expressões, não poderá, de maneira alguma, proibir todas as infinitas transformações e manifestações sexuais (MAIA, 2006, p.11).

A *teoria crip* (crip theory) fala sobre a sexualidade da pessoa com deficiência. Ela se originou das teorias que questionavam a “normalidade” dos corpos, a *teoria queer* se baseia na questão da normativa da heterossexualidade e corpos que fogem a essa regra são corpos considerados desviantes. A teoria crip se inspirou nos questionamentos sobre a normalidade dos corpos e juntou a teoria *queer* com os *desability studies* para se estruturar.

Able-bodiedness é, em última instância, oposta a deficiência – e conceitualmente definida pelas instituições que a contém. Assim como a heterossexualidade é compulsória - em sua lógica que se dissemina a partir da contenção da existência homossexual como uma ‘anormalidade’, um ‘desvio’ - a compulsão pelo corpo-sem-deficiência (*able-bodied*) se dá pela contenção de existências deficientes, também consideradas ‘anormais’ e ‘desviantes’. Então, *able-bodiedness* e heterossexualidade se entrelaçam, a partir de discursos normativos quando, para restaurar um estatuto de naturalidade da heterossexualidade ameaçada, por exemplo, lança-se mão da “marginalidade homossexual” como “desvio” físico/comportamental. Em suma, evoca-se a homossexualidade como uma deficiência materializada a partir do binário hétero/homo, postulando outro binarismo: a heterossexualidade como normalidade corporal/comportamental (*able-bodied*) e a homossexualidade como anormalidade (disability) visível, especificada em um corpo incapaz (*disabled body*) de seguir a ordem heterossexual. (GÁVERIO, 2015, p.74)

Segundo explica Gavério que a origem da palavra *crip*, como a diminuição de *cripple*, traduzido como defeituoso(a), é usada por uma parte significativa das ativistas com deficiência com o intuito de quebrar a norma pré-estabelecida que exige corpos e comportamentos que se enquadrem no quesito da normalidade. Além disso, essa teoria procura estudar como o corpo diferente serve de resistência a aos padrões sociais de normalidade – principalmente ligados a heteronormatividade e ao corpo incapaz/desajustado.

CAPÍTULO 2

Documentário: características e a produção independente

2.

Pode-se considerar que as primeiras captações do cinema sejam documentários, por se tratarem de registros das atividades cotidianas da sociedade, como as produções iniciais dos irmãos Lumière. Contudo, desde 1895, a produção cinematográfica mudou muito. Além da praticidade atual das tecnologias que estão sempre em desenvolvimento, também foram aprimoradas as linguagens utilizadas no cinema. Em conjunto com esse desenvolvimento também houve uma evolução do formato documentário. Portanto, é preciso iniciar perguntando o que é documentário? Segundo alguns autores, o documentário possui algumas normas e convenções definidas como: voz de Deus, entrevistas, imagens que conversem com a trama, etc. Por outro lado, não são todos os autores que concordam que o documentário possui regras, mas sim características, as quais não são obrigatórias.

A maior dificuldade, segundo Patricia Aufderheide (2007), é delinear o que se caracteriza como documentário já que eles podem ser ensaiados ou espontâneos, sobre uma pessoa ou um lugar, etc. “Documentários são sobre a vida real, eles não são a vida real. Eles não são nem uma janela da vida real. São retratos da vida real, usando a vida real como matéria-prima” (AUFDERHEIDE, 2007, p.2. Tradução nossa.). Ainda segundo a autora, apesar de retratar a vida real, o documentário não é um produto imparcial, já que é produzido, dirigido e editado, e ao final de tais etapas não pode-se resultar num conteúdo sem opinião, que também traz em si uma demonstração artística. P. Aufderheide ressalta que é esperado que o documentário nos traga a realidade dos fatos. Contudo, o documentário não é uma reportagem jornalística, enquanto esse segundo busca a objetividade dos fatos, o documentário é uma visão da realidade, ou seja, ele é uma visão do diretor sobre o assunto discutido – todas as escolhas de planos, de cores, de atores, entre outros, são determinadas pelo diretor e buscam uma representação da realidade.

A voz do documentário pode defender uma causa, apresentar um argumento, bem como transmitir um ponto de vista. Os documentários procuram nos persuadir ou convencer, pela força de seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou poder, de sua voz. A voz do documentário e a maneira especial de expressar um argumento ou uma perspectiva. (NICHOLS, 2001, p.72)

O documentário também possui algumas outras características que o definem, podendo se apresentar como um olhar subjetivo da realidade. Porém, é mais fácil estabelecer o que é um documentário através de suas disparidades com o cinema ficcional, do que realmente por suas

próprias características – como dito anteriormente, ele pode ter muitas linguagens e formas de expressão. Uma das características fundamentais do documentário, assim como do cinema ficcional, é a forma como ele é construído: passando por todo o processo de pré-produção, produção e pós produção, mas diferentemente do ficcional ele terá seu produto estruturado somente ao final de sua realização, justamente por tratar-se de um "argumento encontrado", ou seja, construído a partir dos depoimentos e das informações adquiridas durante a produção.

Uma diferença marcante entre o documentário e o cinema de ficção é aquele não poder ser escrito ou planejado de modo equivalente a este último; o percurso para a produção do documentário supõe uma liberdade que dificilmente se encontra em qualquer outro gênero. Um documentário é construído ao longo do processo de sua produção. Mesmo existindo um roteiro, o formato final somente se define com as filmagens, a edição e a montagem. (MELLO, 2002, p.4)

Apesar das suas diferenças, o gênero documentário, segundo Nichols, é estruturado com a mesma lógica informativa de uma história de investigação: o filme inicia-se propondo um problema, no seu desenvolvimento exprime as informações sobre o tema e no final há uma conclusão ou então o espectador é instigado a criar sua própria conclusão com as informações que lhe foram expostas. O maior problema é que o cinema documental pode utilizar-se dos meios do cinema ficcional e mesmo assim há de manter seu caráter, por isso é difícil delimitar o que é propriamente documentário – ele vai depender das escolhas do documentarista para passar sua visão dos fatos.

Uma das grandes vantagens do cinema documental é garantir um acesso mais fácil por permitir uma ampla possibilidade de linguagens e que não necessitam necessariamente de um alto financiamento como uma produção de cinema de ficção. Com isso, o crescente desenvolvimento das tecnologias permitiu que houvesse um maior acesso das pessoas aos equipamentos tecnológicos usados para produzir conteúdos audiovisuais. À medida que a produção era algo que implicava um grandioso investimento monetário, através da evolução tanto da tecnologia como do mercado audiovisual, investir na feitura de um produto desse nicho tornou-se algo cada vez menos trabalhoso e mais barato. Atualmente, conseguir equipamentos para a produção tornou-se muito mais acessível que nas últimas décadas, permitindo que mais pessoas possam fazer suas produções – claro que, apesar da facilidade, o preço de uma produção ainda é bastante elevado, o que acaba por excluir parte significativa da população – e nelas possam falar de assuntos que até então não eram abordado pelas grandes mídias. Isso tudo permite um conteúdo mais diversificado e com outros olhares, já que a produção cresceu e

deixou seus produtores mais heterogêneos e com interesses diversos. Além disso, hoje encontramos plataformas para a divulgação desses conteúdos, o que acabar por minar a total exclusividade das grandes mídias.

O documentário sobre a sexualidade da pessoa com deficiência se aplica a essa realidade. Com um acesso fácil aos equipamentos, graças a revolução tecnológica, foi possível que este se realize. Da mesma forma que a campanha de vídeos sobre a AIDS aonde: “esses vídeos preencheram uma lacuna crucial, pois muitos deles foram feitos por pessoas com aids para pessoas com aids” (DOWINING, 2002, p.262), o documentário foi feito por uma pessoa com deficiência e com a participação de pessoas com deficiência. Já que, apesar das produções audiovisuais contarem com produtores mais heterogêneos, as produções, assim como o mercado de trabalho em geral, ainda é restrito para esse grupo específico. Além disso, por contar com entrevistados com deficiência, o projeto também abre um espaço para que o grupo em questão tenha voz, visto que dentre as poucas produções sobre as pessoas com deficiência, grande parte foi feita sem a presença de quem realmente vivencia essa realidade. Dessa forma, “O corpo deseja” busca trazer o diretor como um interlocutor do assunto, conversando com o tema em algumas imagens e, também, em voice off:

Há casos de documentários construídos apenas em cima de depoimentos e há outros em que aparece a figura do locutor (on ou off), que se encarrega de alinhar toda a história, ocupando uma posição de destaque na narrativa. Apesar de o locutor exercer função destacada na condução da narrativa, a principal fonte de informações vem mesmo dos depoimentos, aos quais ele dá apoio. Nesse aspecto, é interessante notar que surge uma relação parafrástica entre os enunciados produzidos pelo locutor e os enunciados dos entrevistados. (MELLO, 2002, p.13)

Com o grande avanço da Internet, a maior parte da população tem como divulgar suas produções. Por isso, esta será uma das mídias utilizadas para a divulgação do produto. Além disso, o YouTube é um canal que permite a segmentação de seus vídeos, fazendo com que interessados no tema possam ter fácil acesso ao produto. Por se tratar de um meio que conta com um número muito grande acessos, o YouTube facilita ainda mais a difusão das produções audiovisuais ao sugeri-las a seus usuários desde que estas se assemelhem à temática de suas pesquisas ou a vídeos que tenham visualizado recentemente.

As produções audiovisuais voltadas para as pessoas com deficiência são bastante escassas e a partir de leituras sobre o tema comecei a perceber que eu deveria fazer um trabalho voltado para o assunto, motivando-me principalmente porque as produções existentes raramente eram produzidas por algum integrante do próprio grupo. Como estudante de

Radialismo, me senti na obrigação de produzir algo voltado a esse grupo no qual me incluo e sabia dos rumos que se deveriam ser tomados. Sexualidade sempre foi um tema que me interessou e ao ouvir outras pessoas com deficiência falarem sobre o tema durante uma palestra com especialistas que vivem essa realidade, decidi o tema: A sexualidade da pessoa com deficiência.

A dificuldade inicial do trabalho foi tomar coragem para dirigir uma produção audiovisual. Durante meu período acadêmico, na maioria das vezes fui encarregada da produção, ou então assumi o posto de assistente de direção ou arte, mas nunca ocupei a vaga de direção. Estar atrás de cada detalhe de uma produção é uma responsabilidade muito grande, mesmo contando com apoio de outras pessoas que entendem da área, os amigos que ajudaram durante toda a obra. Após a decisão do tema, houve uma rápida conversa com alguns possíveis entrevistados, muitos deles mudaram, e estes foram pessoas muito receptivas, o que ajudou a tomar coragem para continuar o projeto. Enquanto lia sobre o tema, e me inteirava mais sobre algumas teorias, chegou a greve e junto com ela a incerteza da realização do trabalho.

Acabei conhecendo o edital promovido pelo Canal Futura, o *Curtas Universitários*², que seleciona projetos acadêmicos de produções de documentários feitos por universitários de todo o país. No site do edital, você preenchia vários dados sobre seu projeto, com detalhes de equipamento, equipe e, principalmente, o assunto que ele irá abordar, sem que seja preciso uma linha narrativa. Além disso, havia um documento com todos os direitos e deveres que teríamos com o canal (como feedback sobre o andamento do projeto, entrega de documentos, roteiros, etc.) e como recompensa, um valor de R\$6.000,00 para a produção, orientação para o desenvolvimento do projeto durante um encontro com profissionais do próprio canal e apoio na divulgação já que o produto será incluso no canal do YouTube do Canal Futura que já possui um número grande de inscritos e possivelmente transmitido pelo canal da emissora como parte de sua programação.

Devido à greve, as gravações foram adiadas (pois até então seriam em julho) por conta da indisponibilidade dos equipamentos e a paralisação da universidade. Isso acabou se mostrando muito vantajoso para o desenvolvimento do documentário, pois assim pude adiar o cronograma para que as gravações fossem realizadas depois do encontro promovido pelo Canal

² O Curtas Universitários é um projeto realizado em parceria entre a Globo, o Canal Futura e a Associação Brasileira de Televisão Universitária (ABTU). Foram selecionados vinte projetos de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em formato documentário com aproximadamente treze minutos de duração. Disponível em: <http://globouniversidade.globo.com/page/projetos/estao-abertas-as-inscricoes-para-o-curtas-universitarios-2016>.

Futura, podendo dessa forma aproveitar os conhecimentos adquiridos no evento durante todo o processo de captação.

2.1- Pré-produção

2.1.1 - Até o encontro com o Canal Futura

Após a notícia do edital, resolvi entrar em contato novamente com todos os convidados que havia conversado anteriormente e expliquei as novidades, já que a divulgação do projeto seria muito maior que antes, e que as datas da gravação seriam adiadas para outubro de 2016, e não julho como até então estavam programadas. Todos ficaram muito felizes com a conquistas e aceitaram as novas datas e condições. Além disso, Devido ao apoio financeiro, resolvi ir atrás de uma convidada que eu estava interessada anteriormente, mas como ela residia em Curitiba, a viagem não seria possível. Então entrei em contato com a Dafne Anãzinha que aceitou de imediato participar da entrevista, contanto que fossemos ao encontro dela.

Esperei o encontro oferecido pelo edital. Com todas as despesas pagas pelo canal, fomos todos para o Rio de Janeiro. Seriam dois dias de encontro, onde o primeiro consistia em:

1. Apresentação do projeto Curtas Universitários, que tem como objetivo incentivar o pensamento diferente e agarrar as oportunidades;
2. Conhecer os Estúdios Globo, houve uma introdução do que iríamos conhecer, uma apresentação da estrutura e dos processos de pré-produção, produção e pós-produção da emissora;
3. Palestra com os idealizadores da série de documentários “Que mundo é esse?”³, seguida por atividade sobre o processo de desenvolvimento da ideia – criação do projeto, gravação e processo de direção;
4. Roda de conversa com Bianca Ramoneda⁴, Rodrigo Fonseca⁵ e dois convidados da edição anterior, na qual houve espaço para comentarem as dificuldades dos projetos realizados e tirarem algumas dúvidas dos participantes.

³ Série de documentários em que os produtores – André Fran, Michel Coeli e Felipe Ufo – visitam e falam sobre lugares e culturas diferentes. Produzido pela produtora BASE#1 e transmitido pela GloboNews. Disponível em: <http://globosatplay.globo.com/globonews/que-mundo-e-esse/>.

⁴ Jornalista, escritora e atriz. Bianca Ramoneda ingressou na GloboNews em 1998, a frente do programa “Starte”, e manteve-se na emissora por mais de 18 anos.

⁵ Roteirista da TV Globo, crítico de cinema do blog P do Pop do Jornal O Estado de S.Paulo e colunista do site OMELETE. Disponível em: <http://www.aicinema.com.br/professor/rodrigo-fonseca/>.

O segundo dia do encontro foi focado no desenvolvimento do projeto de cada um. Para tanto foi nos apresentado o conceito de *Design thinking*⁶ que se utiliza do *vídeo canvas*⁷ para poder estruturar o projeto e mostrar as suas viabilidades de produção. Além dessa parte de estruturação individual, o projeto passou por uma dinâmica que permitiu a troca de conhecimento dos orientadores definidos para acompanhar cada projeto com os estudantes. Assim, todos foram divididos em 4 mesas, onde cada uma contava com um orientador e 5 alunos; cada mesa era definida com um tópico, sendo eles: o que o projeto é, quem é seu público alvo, como ele será realizado, para quem ele é destinado. Cada aluno tinha um tempo restrito para responder cada pergunta e ouvir um retorno do mentor e também dos outros alunos.

Os exercícios serviram para estruturar melhor o projeto, elaborar ideias de como abordar o tema e obter dicas de produção. As dicas do edital foram fundamentais para a estruturação do curta. Com o encontro, houve a decisão final – já que isso já havia sido sugerido anteriormente pelo orientador do projeto - da diretora ser incluída como personagem da narrativa, por se tratar também de uma pessoa com deficiência que está falando de um assunto que também vivencia, e não apenas dando voz a seus entrevistados. Após o encontro foi possível organizar o que seria discutido nas entrevistas e também o que imagens usar como apoio para enriquecer o produto.

Houve uma conversa com pessoas mais experientes na gravação de documentários, tanto nos dias de treinamento no Canal Futura quanto com colegas de curso e egressos, e algumas coisas foram decididas como os planos a serem utilizados – um plano mais aberto em que se enquadraria a diretora (eu) conversando com o convidado e um mais fechado no entrevistado, para captar as mudanças de expressão e também para não cansar o expectador com apenas um plano estático. Foi decidido também que seriam captadas imagens de cobertura dos corpos e expressões do entrevistado e do entrevistador, além de imagens que seriam captadas de várias pessoas durante um ensaio de dança com cadeira de rodas.

2.1.2 - Após o encontro com o Canal Futura

Passado aos novos delineamentos do documentário, houve a decisão final de quem seriam os entrevistados, já que agora o produto deveria ter aproximadamente treze minutos – devido

⁶ Oriundo do Design, o Design Thinking é o conjunto de métodos, conceitos e logísticas utilizadas para o desenvolvimento de um projeto. Nesse caso em questão, se refere a otimização do desenvolvimento de um produto audiovisual, encontrando as melhores maneiras de resolver os problemas que possam surgir.

⁷ Painel composto por diversos blocos que servirão para desenvolver a ideia do projeto e poder visualizá-lo de forma mais efetiva, reforçando seus diferenciais positivos, identificando os problemas e buscando as soluções necessárias. Disponível em: <http://chocoladesign.com/design-thinking-canvas-metodologia-de-design>.

ao formato exigido pelo Canal Futura – e muitos eram os convidados para o tempo estabelecido. Foram então selecionados cinco personagens⁸:

- Dafne Anãzinha: nascida em Curitiba, formada em direito, a *youtuber* fala sobre suas experiências e histórias como garota de programa e anã. Ela teve bastante divulgação na mídia ao participar de alguns programas de entrevista na televisão, principalmente os voltados para o humor. Em seus vídeos na internet, Dafne conta que virou garota de programa por escolha, para ganhar um dinheiro extra. Foi uma escolha da produção não entrar em maiores detalhes sobre a vida pessoal de Dafne para preservar sua identidade fora da mídia;
- Márcia Góri: é nascida em São Paulo, foi ex-presidente do conselho estadual da pessoa com deficiência, e também de outros cargos relacionados à defesa da pessoa com deficiência. Fundou a ONG Essas Mulheres⁹ – que trata de assuntos relacionados a mulher com deficiência e temas como sexualidade e direito reprodutivo, além de incentivar/auxiliar a denúncia contra à violência sofrida pelo grupo, que é pouco discutida e usualmente reprimida – também se envolve em movimentos da pessoa com deficiência há mais de 20 anos. Diferente dos outros convidados ela é mãe e passou pela experiência de ser uma mãe com deficiência. Márcia carrega em seu discurso toda uma história de preconceitos que ela e seu companheiro viveram durante esse período, além dos problemas comuns vividos durante a infância.
- Marco Gavério: Sociólogo, formado pela Universidade Federal de São Carlos, e mestre pelo programa de pós-graduação em sociologia da mesma universidade. Hoje, no doutorado, tem pensado cada vez mais nos processos que o constituíram e às muitas outras pessoas como “deficiente”. Seu interesse pelo tema veio desde novo já que seu corpo era visto como diferente, incomum para sua idade. Seu incômodo por ser definido por seu corpo o fez se questionar sobre os assuntos voltado a ele, fugindo de uma visão médica tradicional. Atuando como sociólogo Marco tem uma visão que difere daquela que o acompanhou na infância: seu corpo é parte de si, não a única coisa que o define. Suas pesquisas

⁸ Personagem aqui é utilizado como um ser atuante em uma obra. Nesse caso também pode ser denominado como agente social já que não é apenas um indivíduo ficcional.

⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/OngEssasMulheres/>

como cientista social englobam temas como relação da deficiência com a sexualidade, gênero, teoria *creep*, *desabilities studies*, entre outros assuntos correlatos. Marco carrega em seu discurso muito do que pesquisa em sua carreira acadêmica e traz mais informações referentes aos estudos sobre deficiência e algumas teorizações, além de suas próprias experiências pessoais.

- Paula Ferrari: Formada em fisioterapia, a convidada já tinha um estudo sobre a reabilitação da sexualidade da pessoa com deficiência quando fazia pós graduação em 2006. Ela conta que eram muito precários os estudos sobre o tema, assim como a implementação dessa reabilitação. Em 2012, Paula teve uma mielite transversa, o que a fez ter muitas dificuldades de caminhar a longas distâncias, por isso adotou a cadeira de rodas como uma opção mais prática. Apesar da fase de reabilitação ser complicada para todos, até se acostumar com um novo corpo, Paula acredita que teve uma facilidade maior por já ter contato com a área da reabilitação. Em seus discursos ela reforça a ideia de que a deficiência a ajudou ser quem ela é e a possibilitou novas descobertas. Hoje Paula trabalha como fisioterapeuta, é uma das fundadoras da empresa – Thea Eventos¹⁰ – que mantém um casting de pessoas com deficiência que participam de grandes eventos como a *Erotikafair*¹¹, também dá aulas como professora convidada sobre reabilitação sexual focada nas pessoas com deficiência e já trabalhou como modelo – o que conta que a ajudou bastante a reconstruir sua autoestima com o novo corpo.
- Juliana Ribeiro: idealizadora do projeto que também é inclusa no grupo de pessoas com deficiência e, portanto, vivencia o assunto abordado desde criança. Tomou a decisão da produção após encontrar poucos produtos sobre o tema e, principalmente, pouco espaço para as pessoas com deficiência falarem dos assuntos relevantes para o grupo em que se encontram inseridos. Além disso, por sentir uma carência das discussões sobre o tema, achou que era importante um lugar de destaque nos assuntos voltados para as pessoas com deficiência, principalmente na fase em que elas estão se conhecendo.

¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/thea.eventos/>

¹¹ Feira erótica na qual ocorrem apresentações e demonstrações de diversas atividades sensuais Disponível em: <https://catracalivre.com.br/sp/agenda/barato/23a-erotika-fair-promove-tres-dias-de-tirar-o-folego/>

Após confirmar a presença dos personagens no projeto – apesar do contato ter sido contínuo para explicar os motivos dos atrasos das gravações – foram esquematizadas as datas de gravação e também as logísticas de viagem – o período foi influenciado tanto pela disponibilidade dos entrevistados quanto pelos valores de passagem para Curitiba, já que esta seria a viagem mais trabalhosa e com mais gastos, sendo preciso arranjar estadia para a equipe. Devido à essas prioridades foi delineado o período de pré-produção, produção e pós produção como visto na tabela abaixo:

Tabela 1 – Períodos do processo

Pré-produção	Produção	Pós-produção
31/09 – 10/10	11/10 – 02/11	03/11 – fim de janeiro*

* Sem uma data fixa até então

Fonte: Produção nossa

Apesar de serem poucos dias de gravação, foi necessário separar um período maior para as viagens, com destaque para a viagem com destino a Curitiba que dependia de valores economicamente mais vantajosos nas passagens aéreas disponíveis. Encontrado o período de viagem, foi confirmado a entrevista com a convidada Dafne Anãzinha e a partir daí combinado com os outros envolvidos os melhores dias para cada encontro. Sendo assim o cronograma de gravação ficou desta forma:

Tabela 2 – Cronograma de gravações

Datas	Cronograma
15/out.	Viagem (Bauru – São Paulo)
17/out.	Viagem (São Paulo – Curitiba)
18/out.	Gravação Dafne Anãzinha
19/out.	Viagem (Curitiba – São Paulo)
22/out.	<i>Gravação (Ensaio Solidariedança¹²)*</i>
24/out.	Gravação Paula Ferrari
24/out.	Viagem (São Paulo – Bauru)
26/out.	Gravação Márcia
01/nov.	Gravação Marco
11/nov.	Viagem (Bauru – São Paulo)
12/nov.	Gravação (solidariedança)
13/nov.	Viagem (São Paulo – Bauru)

Negrito: dias de gravação
** Precisou ser remarcada*

Fonte: Produção nossa

Quando entrei em contato com a professora responsável pelo grupo Solidariedança foi dito que o ensaio do dia 22/10 havia sido cancelado pois os alunos do projeto tinham uma apresentação no dia 23/10 e acharam melhor não forçar a equipe. Com isso, a gravação do ensaio foi remarcada para o dia 12/11 – combinada apenas depois de todas as outras gravações e, assim, aumentando os gastos de produção, foi necessária uma nova viagem para São Paulo que não estava até então programada.

2.2- As gravações

2.2.1- Gravação com Dafne Anãzinha

Antes da viagem para Curitiba foi feita uma reunião com a diretora de fotografia, onde sentamos juntas para discutir um pouco o projeto, conversar sobre os planos a serem captados e como seria a dinâmica de gravação. Então durante a conversa houve um refinamento das

¹² Associação sem fins lucrativos liderada pela fisioterapeuta e bailarina Cintia Lima, que conta com o maior grupo de dança artística em cadeira de rodas do país e tem como objetivo trabalhar os movimentos corporais sem a pretensão da “perfeição”. Disponível em: <http://www.solidariedanca.org.br/sobreosoli>.

questões que seriam feitas à convidada, já que anteriormente, durante as leituras feitas para a elaboração do projeto, havia criado mais algumas questões, que não foram selecionadas para a entrevista. Foi durante essa troca de conhecimentos e informações que surgiu o nome do projeto: "O corpo deseja".

Um novo problema surge com a aproximação das gravações, Dafne Anãzinha, não estava atendendo as ligações feita pela equipe. Assim que as passagens foram compradas, houve um contato via Facebook avisando que estaríamos lá e que era preciso marcarmos uma data e um local certo para o encontro, contudo, uns dois dias antes da viagem foi feito um novo contato, para passar o endereço do local onde estaríamos hospedados, sem sucesso. Durante todos os dias seguintes foi tentado o contato com a entrevistada e apenas quando a equipe toda já estava no aeroporto que foi possível contatá-la. Foi então combinado que nos encontraríamos no dia 18/10 e que o endereço seria enviado via mensagem de celular.

Outro grande problema, que acompanhou as outras gravações, foi a chuva. A chegada em Curitiba foi marcada pela correria para pegar os equipamentos do carro sem molhar nada. No dia da gravação fora combinado de nos encontrarmos no parque Bariri, um famoso parque da cidade, escolhido pela entrevistada por se tratar de um local público, visto que a mesma já havia tido problemas anteriores ao ir ao encontro de desconhecidos. Depois de definirmos o local exato das filmagens e de montar todo o aparato para a gravação, o tempo fechou e então Dafne nos ofereceu carona para o apartamento em que estávamos para gravarmos lá e não correr o risco da chuva danificar os equipamentos. Assim que tudo estava devidamente guardado no local começou a chover.

Chegando ao apartamento, o lugar era bastante escuro e foi bem complicado para a fotografia ficar do jeito ideal, já que uma câmera estava com a imagem bem destoante da outra. Resolveu-se gravar do jeito que estava – com os parâmetros da imagem (exposição, contraste, etc.) – já que não tínhamos mais opções e a convidada já esperava havia algum tempo – decidiu-se então deixar que as correções necessárias às imagens fossem feitas durante a pós-produção. Além disso, devido aos imprevistos, esquecemos de entregar a autorização de imagem para que obtivéssemos a assinatura da entrevistada, documento esse que mais tarde foi enviado via correio.

Imagem 1 – Plano geral (Dafne)



Fonte: Produção nossa

Imagem 2 – Plano Próximo (Dafne)



Fonte: Produção nossa

Imagem 3 – Inserts (Dafne)



Fonte: Produção nossa

A conversa toda rolou bem rápido, a entrevistada deu respostas curtas e objetivas, mas conteúdo suficiente foi obtido. No final da conversa possuíamos aproximadamente dezenove minutos de produto (19'07").

2.2.2- Gravação com Paula Ferrari

O dia da gravação com a Paula foi o mais tranquilo, já que foi realizado no apartamento em que parte da equipe estava hospedada e tínhamos bastante disponibilidade para mudar os móveis e objetos de lugar, além de contarmos com um ambiente bem iluminado. O restante da equipe chegou com aproximadamente uma hora e meia de antecedência, todos os equipamentos foram montados antes da convidada chegar e assim que ela chegou foi possível começar a gravação logo após os ajustes finais.

A maior complicação até então foi que o enquadramento não ficou do jeito desejável para que uma tomada na parede não aparecesse e causasse certo estranhamento para o espectador. O som também não teve dificuldades pois a locação era razoavelmente tranquila e não se ouvia muitos barulhos externos. Ao final possuíamos trinta e dois minutos de produto (32'13").

Imagem 4 – Plano geral (Paula)



Fonte: Produção nossa

Imagem 5 – Plano próximo (Paula)



Fonte: Produção nossa

Imagem 6 – Inserts (Paula)

Fonte: Produção nossa

2.2.3- Gravação com Márcia Gori

Márcia foi a terceira entrevistada, assim a equipe precisou voltar para Bauru, descansar durante dois dias e, principalmente, finalizar a pré-produção para a próxima gravação. A convidada havia combinado conosco de começar a gravar às 14h, contudo, devido alguns imprevistos no trabalho ela nos alertou anteriormente para chegarmos um pouco mais tarde e remarcar a gravação para às 17h, horário em que ela sairia do trabalho.

A distância de Bauru a São José do Rio Preto é de aproximadamente 113 quilômetros. Logo de manhã surgiu o primeiro problema: a diretora de fotografia não estava se sentindo bem e portanto não poderia acompanhar a gravação. Apesar de já ter sido feito uma gravação com apenas um dos diretores de fotografia, vimos que essa composição da equipe não era a ideal. Para tanto saímos em busca de um substituto e acabamos por encontrar uma ex-aluna do curso de Radialismo da Unesp-Bauru que, além de morar na mesma cidade que iríamos gravar, poderia nos ajudar e já estava acostumada com o processo de gravação. Chegamos com bastante antecedência à locação e fomos recepcionados pela família da convidada, que foi muito atenciosa com a equipe.

Havia sido comentado sobre a possibilidade da gravação ocorrer em um escritório da casa, contudo o ambiente era pequeno para todos os equipamentos e a equipe, além de não contar com luz apropriada. Por isso resolvemos gravar no quintal frontal da residência, o que dificultou bastante a captação de som, pois eventualmente ouvia-se a passagem de carros e vizinhos que faziam barulho e assim era preciso interromper a conversa e recomeça-la. Apesar das pausas e

das repetições necessárias devido aos problemas com som, a gravação foi proveitosa e conseguimos obter trinta e sete minutos de produto bruto (37'52'')

Imagem 7 – Plano geral (Márcia)



Fonte: Produção nossa

Imagem 8 – Plano próximo (Márcia)



Fonte: Produção nossa

Imagem 9 – Inserts (Márcia)

Fonte: Produção nossa

2.2.4- Gravação com Marco Gavério

Para prosseguir à última conversa, foram necessários mais alguns dias devido à falta de disponibilidade do entrevistado. No dia marcado, a equipe foi cedo para Porto Ferreira, cerca de 203 quilômetros distante de Bauru, chegando ao destino próximo das 14 horas, conforme combinado. Já no local também foi decidido que a gravação se daria no quintal da frente da residência, já que este era o ambiente que possuía luz mais favorável. Contudo, havia uma rodovia próxima ao local, o que, novamente, dificultou bastante a captação do som, pois esta possuía grande circulação de veículos pesados, como caminhões. Foram necessárias muitas pausas durante a conversa ocasionadas devido aos barulhos externos e o convidado se estendeu bastante em suas respostas, fazendo ligações inclusive com outros assuntos, o que acabou por render um material com bastante conteúdo, não apenas sobre o assunto central da sexualidade. Ao final tivemos cinquenta e quatro minutos de produto gravado (54'53").

Ao final dessa entrevista, e também de todas as gravações anteriores, foram captadas cenas bem próximas dos corpos dos convidados. Em um dia posterior, o mesmo procedimento foi feito para se obter imagens do corpo da diretora do projeto, com o intuito de usar tais planos para compor as imagens de cobertura.

Imagem 10 – Plano geral (Marco)

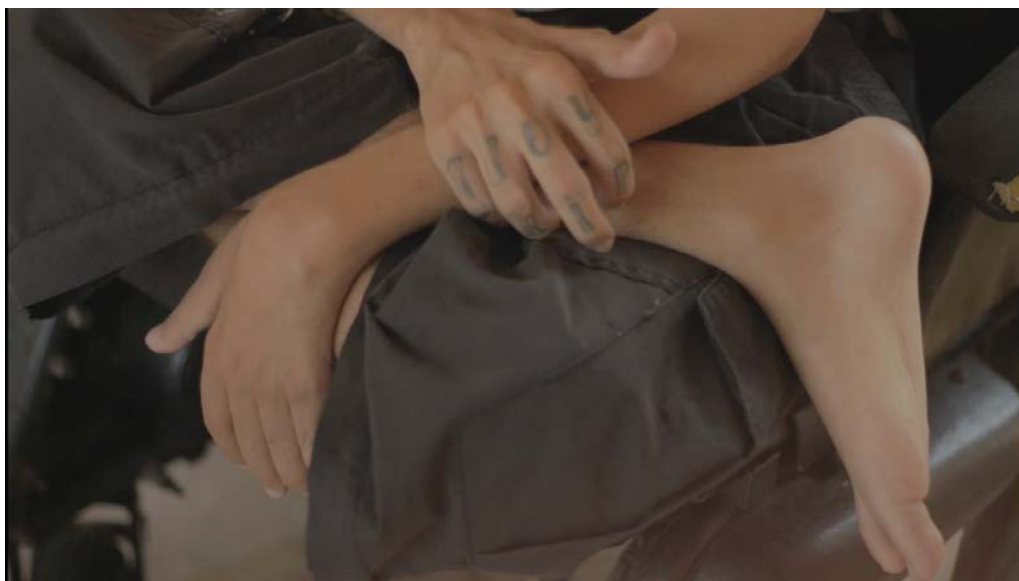


Fonte: Produção nossa

Imagem 11 – Plano próximo (Marco)



Fonte: Produção nossa

Imagem 12 – Inserts (Marco)

Fonte: Produção nossa

2.2.5- Gravação com o Grupo Solidariedança

Foi necessário voltar à cidade de São Paulo para conseguir participar do ensaio do grupo Solidariedança. A data da gravação havia sido adiada devido a uma apresentação dos membros informada pela professora de dança, e após algumas semanas sem se encontrar o grupo voltou a se reunir no horário normal de seus ensaios, aos sábados com início às 9 horas. A equipe acabou chegando ao local com um pouco de atraso devido a um erro de logística e por conta do trânsito lento de São Paulo.

Contudo, conseguimos chegar antes do início dos ensaios e fomos apresentados pela professora para o grupo e foi-se explicado que estávamos ali para gravar o ensaio, os alunos eram bastante heterogêneos, contando com participação de pessoas com e sem deficiência. Todo o ensaio é realizado levando em consideração as limitações de cada aluno. O grupo era composto por um número muito maior de participantes do que prevíamos, sendo necessária a impressão imediata de mais autorizações de imagem – mais um contratempo que não fora previsto pela equipe. Durante essa gravação também só contávamos com um diretor de fotografia, que captou as imagens durante todo o ensaio, inclusive algumas da diretora interagindo com o grupo. Ao final do ensaio e, conseqüentemente, das gravações, foram recolhidas as assinaturas dos membros do grupo.

Imagem 13 – Ensaio Grupo Solidariedança (1)



Fonte: Produção nossa

Imagem 14: Ensaio Grupo Solidariedança (2)



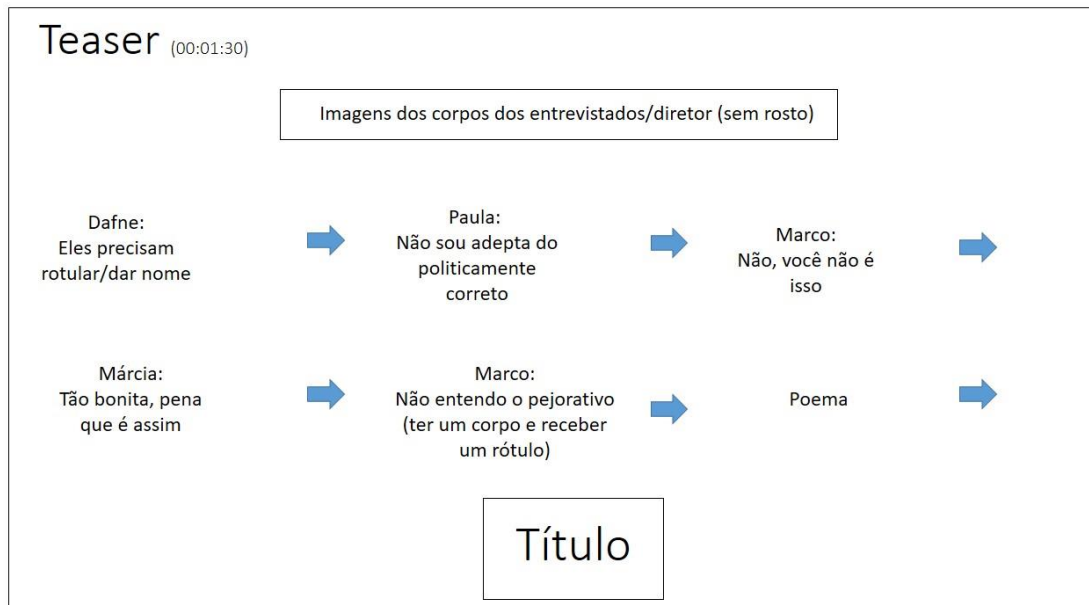
Fonte: Produção nossa

2.3- Pós-produção

Assim que se encerraram as gravações, foi elaborado um pré-roteiro para atender a solicitação feita previamente pelo Canal Futura. Houve um atraso nessa entrega porque a data coincidiu com o período de gravações o que inviabilizou a criação de um roteiro preliminar do projeto antes de saber como seria o material obtido durante as conversas. O pré-projeto foi

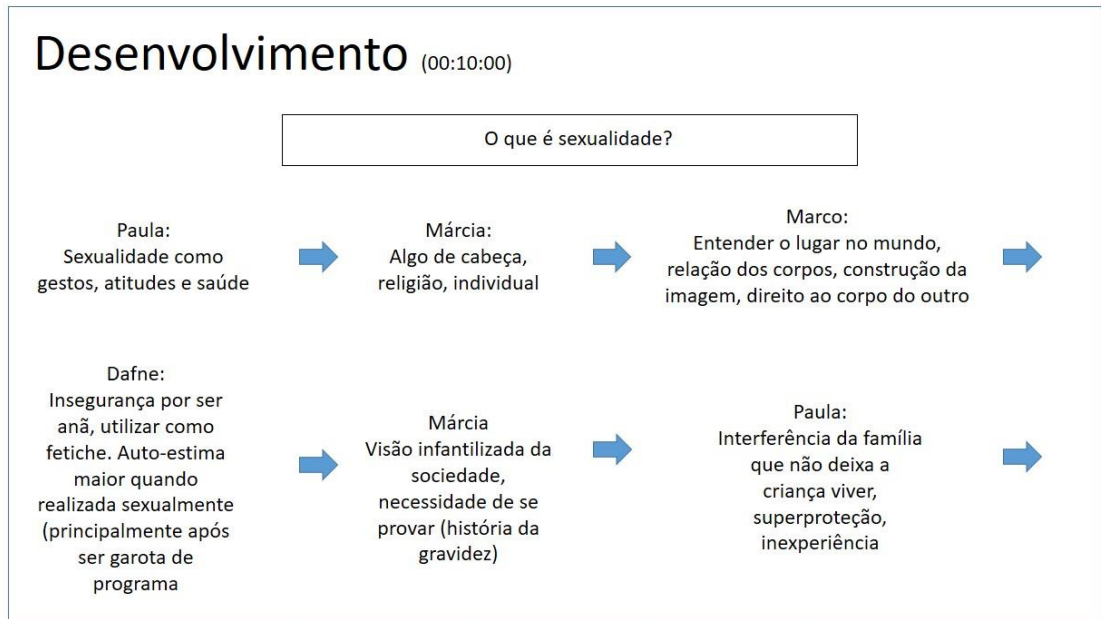
enviado, posteriormente um feedback foi recebido – foi feita uma segunda versão do pré-roteiro, mas que foi utilizada apenas pela própria diretora para o desenvolvimento da narrativa – e logo após foi realizada uma reunião com a pessoa responsável pela montagem do documentário. Durante a reunião fora decidido que para analisar como o produto deveria ficar estruturado seria preciso traçar uma linha narrativa. O primeiro esboço do que seria a estrutura do documentário foi assim esquematizada:

Imagem 15: Estrutura narrativa (Teaser)



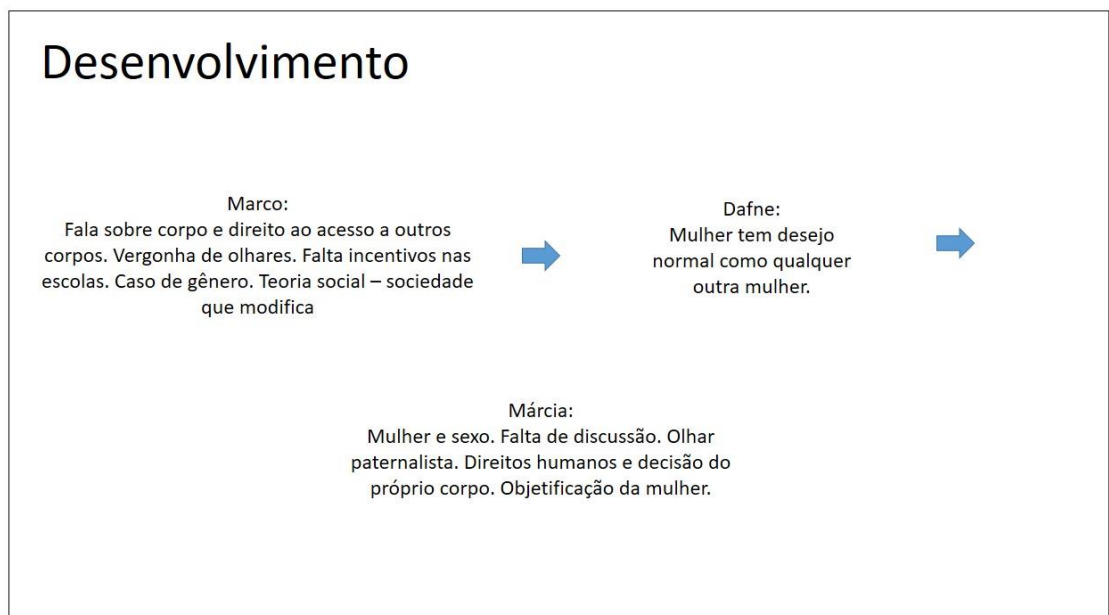
Fonte: Produção nossa

Imagem 16: Estrutura narrativa (Desenvolvimento 1)



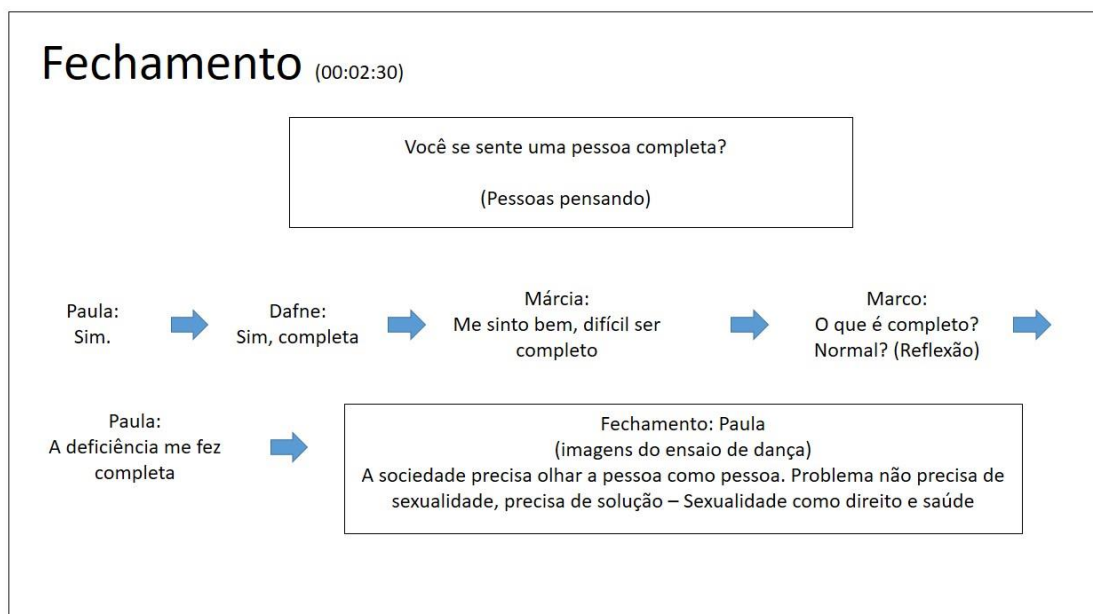
Fonte: Produção nossa

Imagem 17 – Estrutura narrativa (Desenvolvimento 2)



Fonte: Produção nossa

Imagem 18 – Estrutura narrativa (Fechamento)



Fonte: Produção nossa

Anteriormente à criação da narrativa, houve a transcrição de todas as conversas – que juntas somavam um produto bruto de aproximadamente duas horas e meia – e após assisti-las várias vezes e ler tudo o que foi dito, a equipe se reuniu para escolher o trecho favorito para finalização do documentário, que teria o intuito de passar uma mensagem de conscientização para a sociedade. Para tanto foi escolhido o seguinte trecho:

Eu acho que pra mim o que importa é o ser humano, é o olhar para a pessoa como pessoa, e aí eu consigo enxergar o ser humano como um todo e entender que este ser humano tem sexualidade. Agora, quando eu olho o suposto problema, eu não olho a pessoa, eu olho para o problema e problema não tem sexualidade, problema precisa de solução. Então eu acho que a sociedade de um modo geral ainda tem essa visão, isso dificulta enxergar a pessoa com deficiência como pessoa. (FERRARI, Paula. Durante a gravação de O corpo deseja. 2016. 13'48")

Selecionado o final, foi decidido começar o documentário com expressões já ouvidas sobre as pessoas com deficiência, que todos os entrevistados e a maioria das pessoas com deficiência já ouviram como se estes fossem comentários “inofensivos” mas que carregam muito a visão que a sociedade possui sobre um grupo de desafortunados. Após esses delineamentos, foram selecionados alguns trechos pela direção que em seguida foram entregues à montadora para organizá-los e selecioná-los de forma a melhor desenvolver a narrativa.

O prazo para a entrega do primeiro corte do produto, com o som devidamente editado, para o Canal Futura foi estabelecido para o dia 06/01/2017, assim a montagem teve de ser feita mediante este prazo já estipulado. Assim que essa versão foi enviada para o canal, em um *link* privado através da plataforma *YouTube*, o documentário foi entregue ao responsável pela colorização para iniciar as correções. Depois do feedback dos mentores do Canal Futura, foram feitas as correção exigidas e um novo prazo foi estipulado para a entrega do produto final, marcada para o dia 08/03/2017.

2.4- Os assuntos abordados no produto finalizado

O documentário começa com os personagens expressando suas opiniões a respeito da expressão “pessoa com deficiência” e declarando os rótulos e comentários preconceituosos que já ouviram em algum momento de suas vidas. Ainda no início, um dos convidados fala sobre a forma pejorativa como a sociedade encara a deficiência e afirma que não entende essa visão deturpada. Em seguida é declamado um poema, criado pela também diretora de fotografia, Laís Paiva e interpretado pela idealizadora do projeto. A escolha de quem proclamar o poema foi proposital, já que ele foi feito com o intuito de demonstrar a visão pessoal e central do tema, de que todo corpo deseja e “deseja ser desejado”, porque um dos pré-requisitos do projeto era conter apenas pessoas com deficiência falando sobre as questões que elas vivenciam.

A conversa foi iniciada perguntando se os convidados consideravam-se ou se sentiam incomodados com o termo “pessoa com deficiência”. Como nenhum deles se mostrou ofendido com o termo, foi perguntado o que eles entendiam por sexualidade, se para eles o conceito abrangia mais que apenas o ato sexual. Para ilustrar melhor a ideia sobre a visão de cada um dos personagens sobre o tema irei discutir os assuntos abordados por cada entrevistado. Também serão acrescentados análises sobre trechos da gravação que tiveram que ser cortados devido às exigências do canal para que se mantivesse o formato de um curta. Essas passagens serão expostas para que se reforce a ideia do documentário que também se enquadra nas discussões anteriores sobre o tema.

2.4.1- Márcia Gori

Márcia é fundadora da ONG Essas Mulheres que, como explicado anteriormente, incentiva a denúncia e a discussão sobre os abusos sexuais das pessoas com deficiência. Fora das gravações ela conta como esse fato é recorrente e muitas pessoas acabam não denunciando

por medo de perder alguém que costuma ajuda-la em suas necessidades. Durante a conversa ela ressalva como é importante ter consentimento do ato sexual e que os envolvidos precisam estar em comum acordo sobre as práticas.

Ela discursa que sexualidade tem muito a ver com a formação da pessoa, com sua história, família e religião, etc. – sendo uma construção individual. A funcionária pública discursa sobre o olhar assistencialista e piedoso da sociedade, e também denuncia que apesar dos grandes avanços nos direitos humanos das pessoas com deficiência, temas como sexualidade e respeito à mulher foram negligenciados – também fora das gravações ela fala sobre a importância das políticas públicas reprodutivas para a mulher. Ela reforça a importância da escola e da família para o desenvolvimento de discussões e no apoio para tomada de decisões. Além disso ela fala como a pessoa com deficiência precisa reforçar diariamente a ideia de que possui uma vida sexual e é ciente de sua sexualidade.

Antes de terminar a conversa, Márcia conta como algumas decisões familiares podem afetar a vida do indivíduo se não forem feitas em conjunto da pessoa com deficiência. Para ilustrar ela conta histórias de meninas com Síndrome de Down que são hysterectomizadas ainda jovens para evitar uma futura gravidez – apesar de que, segundo a entrevistada, muitas vezes a decisão fica fora das mãos dos familiares, sendo uma decisão médica, visando o que consideram melhor para a saúde.

2.4.2- Dafne anãzinha

Dafne é uma das entrevistadas que tem mais experiência pessoal do que conhecimento sobre o assunto desenvolvido através de estudos ou profissionalmente. Por ter sido uma garota de programa, ela tem bastante história pra contar sobre sua vivência e opiniões. Ela conta que percebeu desde jovem como as pessoas encaram a pessoa com deficiência, olhando-a de tal forma pôr a considerarem diferente – conversando com a teoria dos corpos desviantes da “normalidade”. Ela conta que teve pouco contato com o assunto quando era mais jovem e que era bastante reprimida sexualmente antes de se tornar garota de programa, depois começou a perceber como sua deficiência poderia ser usada como fetiche – fato que é reforçado por algumas pessoas como algo ruim, mas que para a entrevistada nunca teve esse viés depreciativo. Ela ressalta que apesar da sua deficiência, ela e outras mulheres sentem desejo como qualquer outra; tal característica não é empecilho para suas vontades.

Fora das gravações, a convidada relatou sobre outras pessoas com deficiência que passaram a fazer programas assim como ela e ficaram muito mais felizes por se sentirem

desejadas sexualmente. Essa conversa ressaltou a importância de uma sexualidade desenvolvida para a forma como as pessoas se veem, em determinado momento da conversa a entrevistada ressalta que você se torna mais feliz quando é bem resolvido sexualmente.

2.4.3- Marco Gavério

Em seu discurso Marco utilizou-se das teorias de muitos cientistas acadêmicos, além de casos conhecidos, para com isso questionar o teor pejorativo sobre a deficiência ainda no início da conversa. Ele afirma que ao discutir sexualidade você está discutindo intimidade, o “acesso ao corpo do outro” – ou seja, a auto construção de acordo com as relações sociais – a relação íntima dos corpos e o teor político do sexo/corpo. O pesquisador reforça que discutir sexualidade não é um assunto supérfluo, é discutir um momento de vulnerabilidade da relação e a interpretação dessa relação. Ainda, fala sobre como a sociedade apresenta um olhar de desconforto diante do diferente.

Marco ressalva também que as pessoas que não se enquadram nas questões normativas de gênero, orientação sexual, classe social, etc. acabam sendo mais marginalizadas, pois pressupõe-se uma norma diante de algo que já é considerado “anormal”. Ele também comenta sobre a teoria da “deficientização” discutida anteriormente e ao falar da juventude, reflete sobre o momento em que os jovens estão experimentando novas possibilidades com o corpo e que a educação especial ainda olha muito para o caráter médico-biológico da situação.

Durante nossa conversa ele conta sobre como a importância de seu contato com artistas, escritores e pesquisadores para a construção de sua visão própria. Ele também nos conta histórias sobre sua juventude em que não pôde participar de certas atividades escolares devido à carência de acessibilidade – ressaltando a ideia de que a falta de acessibilidade é crucial para a não participação do indivíduos em suas experiências e um fator socialmente excludente.

Diferente dos outros convidados, Marco foi o único que chegou a questionar se o fato de se sentir completo apresenta certa contradição, mesmo assim ele se considerado alguém completo, sendo um indivíduo com deficiência, ou seja, com falta de algo – durante a elaboração dessa pergunta na pré-produção foi discutido se alguma pessoa seria completa e o que seria ser uma pessoa completa, partindo da ideia de que os indivíduos costumam sentir que lhes faltam alguma coisa.

2.4.4- Paula Ferrari

Por ser uma profissional da saúde, o discurso de Paula está ligado a forma como o sexo é fundamental para a saúde do indivíduo. Ela enfatiza que a sexualidade é muito mais que o sexo, trata-se de um conjunto de gestos, sensações, etc., e ainda ressalta durante suas respostas que a sociedade costuma enxergar essas pessoas como doentes e que devido essa condição precisa se tratar e não desenvolver sua sexualidade. Por ter se tornado uma pessoa com deficiência quando já se encontrava na idade adulta, ela explica que não sofreu com silêncio que costuma existir para com as crianças/adolescentes com deficiência, mas conta que por trabalhar com um público dessa faixa etária ela vê isso como algo muito presente, principalmente devido à infantilização dessas pessoas.

Paula reforça como a não discussão da sexualidade, a infantilização e a superproteção podem ser danosas para as relações sociais do indivíduo. Para ilustrar essas afirmações ela nos conta durante a gravação sobre a experiência de uma paciente que durante toda a sua vida foi protegida por familiares e amigos próximos e quando iniciou uma carreira universitária, não a prosseguiu por não saber viver sem a presença e o apoio integral de seus conhecidos; acabou sentindo-se rejeitada, conclui Paula. Além disso, a paciente chegou a confabular histórias sobre relacionamentos que mais tarde foram descobertos como sendo pura invenção, ou seja, por desejar viver sua sexualidade e as relações de toda jovem, ela acabou criando uma história e acreditando que ela havia acontecido.

Nas gravações do projeto ela ainda ressalta que as pessoas com deficiência se ressentem ao não serem desejadas por conta do preconceito que ainda é presente na sociedade, mas reforça a importância dos atributos internos do indivíduo. O trecho final da entrevista fala sobre como é fundamental a mudança da sociedade em relação às pessoas com deficiência, já que é preciso pensar na pessoa como sendo algo maior que a sua própria deficiência.

Considerações Finais

Neste trabalho foram analisadas as teorias sobre a sexualidade, a pessoa com deficiência e a relação entre elas. Para se chegar a essa análise foram utilizados os conceitos sobre cultura, a diferença entre lesão e deficiência e a maneira como esses fatores são responsáveis pela construção da identidade do indivíduo. Também foi discutido como algumas teorias se juntaram e deram origem a teoria *crip*, analisando a relação da sexualidade com as formas desviantes dos corpos. Devido a estrutura da pesquisa, ainda foi possível mostrar como se deu a produção do documentário em um ambiente acadêmico, contando com o suporte de um edital que permitiu ao projeto alcançar novas possibilidades, além de poder analisar os temas abordados na produção.

Feito anteriormente ao início das gravações, o estudo das teorias serviu como pano de fundo para a elaboração do que se foi conversado. Além disso, por um dos entrevistados ser um cientista social que estuda a deficiência, utilizou-se trabalhos de sua autoria para a elaboração da pesquisa. O contato pessoal com o tema foi de grande utilidade nesse processo, já que o discurso também se enquadra em minha realidade e foi possível me identificar com as teorias estudadas, além de acrescentar conteúdos obtidos através de minha vivência e da discussão com os convidados.

No capítulo 1 foram apresentadas algumas teorias sobre construção social, sexualidade e deficiência. Apesar de ter tido um bom acesso às teorias, o projeto não pôde se aprofundar nessas análises teóricas por conta do foco estar na produção audiovisual, deixando para uma possível pesquisa futura o desenvolvimento das teorias colocadas em discussão nesse projeto.

O capítulo 2 serviu para explicar como é realizada a produção de um documentário, mostrando todos os processos envolvidos – pré-produção, produção e pós-produção – e como os problemas que surgiram foram resolvidos. Nessa parte, há também uma grande exposição de todo o planejamento da produção – equipe, gastos programados, gastos realizados, logística de produção, etc. – até sua realização. Além disso, nesse capítulo foram analisados os discursos dos convidados, relacionando-os com as teorias estudadas – o que compreendeu tanto os discursos presentes no produto, quanto os que não entraram na edição final.

Ao analisar a importância do projeto observa-se que esse permitiu uma maior participação das pessoas com deficiência, tanto em tela quanto na produção do projeto, abrindo espaço para uma maior inclusão dessa parcela da população no mercado audiovisual. Enquanto isso, a

pesquisa permitiu que houvesse certa teorização acerca do conteúdo discutido no produto, o que acabou por reforçar as ideias apresentadas.

Referências Bibliográficas

ARANHA M. S. Fábio. **Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência**. Marília: Revista do Ministério Público do Trabalho, 2001, Ano XI, n 2, p. 160-173.

AUFDERHEIDE, Patricia. **Documentary film: a very short introduction**. New York: Oxford University Press, 2007.

BRANDÃO E. Reis; HEILBORN M. Luiza. **Introdução: Ciências sociais e sexualidade**. In: HEILBORN, Maria Luiza (org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, IMS/UEJ, p. 7-17.

CERTEZA, Leandra Migotto. **A sexualidade da pessoa com deficiência**. São Paulo: Anais do I Simpósio Internacional de Estudos sobre a Deficiência - SEDPcD/Diversitas/USP Legal, 2013. Disponível em: http://www.memorialdainclusao.sp.gov.br/br/ebook/Textos/Leandra_Migotto_Certeza.pdf. Acessado em: 01/03/2016.

DAMIÃO, Marcos. **Inclusão na sexualidade**. 2013. Disponível em: <http://www.inclusaodiferente.net/2013/03/inclusao-na-sexualidade.html>. Acessado em: 01/05/2016.

DINIZ, Débora. **Modelo social da deficiência: a crítica feminista**. Brasília: LetrasLivres. SérieAnis, 2003.

DOWNING, John. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002. Traduzido por Silvana Vieira.

FERNANDES, L. Barolo; SCHLESENER, Anita; MOSQUERA, Carlos. **Breve histórico da deficiência e seus paradigmas**. Curitiba: Revista do Núcleo de Estudo e Pesquisa Interdisciplinares em Musicoterapia, 2011, v2, p. 132 – 144.

GARCIA, Vera. **A barbárie do preconceito contra o deficiente – todos somos vítimas – Parte 1**. 2010. Disponível em: <http://www.deficienteciente.com.br/barbarie-do-preconceito-contr-o-2.html>. Acessado em: 11/02/2017.

GARCIA, Vinicius Gaspar. **As pessoas com deficiência na história do mundo**. 2014. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/pcd-mundial>. Acessado em: 11/02/2017

GAVÉRIO, Marco Antônio. **Medo de um planeta aleijado? – Notas para possíveis aleijamentos da sexualidade**. Áskesis, v.4, n.1. 2015. P 103-117.

GAVÉRIO, Marco Antonio. **"Que corpo deficiente é esse?": nota sobre corpo e deficiência nos disability studies**. São Carlos: UFSCAR, 2015. Trabalho de conclusão de Curso – Universidade Federal de São Carlos. Disponível em: https://www.academia.edu/20702320/Que_Corpo_Deficiente_%C3%A9_Esse_Notas_Sobre_Corpo_e_Defici%C3%Aancia_nos_Disability_Studies. Acessado em: 01/05/2016.

LOPES, Louro Guacira. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica. 2000. WEEKS, Jeffrey. **O corpo e a sexualidade**. Londres: Blackwell. 1996. Disponível em:

http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/867_1567_louroguaciralLopescorpoeeducado.pdf. Acessado em: 05/01/2017.

LOPES, Penha; REGEN, Mina; PAULA, A. Rita de. **Sexualidade e deficiência: rompendo o silêncio**. 2ª edição, São Paulo: Expressão e arte Editora, 2011. (Aprendendo a sexualidade).

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Rio Grande do Sul: Pro- Posições, 2008, v.19, n.2.

LOURO, Guacira Lopes. **Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas do conhecimento**. Brasília: Congresso da Associação Brasileira de Estudos de Homocultura, 2004.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Reflexões sobre a educação sexual da pessoa com deficiência**. Bauru: Revista Brasileira de Educação Especial, 2001, v.7, n.1. Disponível em: http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista7numero1pdf/3bortolozzi_maia.pdf. Acessado em: 01/05/2016.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiência**. Marília: Revista Brasileira de Educação Especial, 2010, v.16, n.2. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382010000200002. Acessado em: 03/01/2017.

MARCON, Kenya J. **A (des)construção da sexualidade de "pessoas com deficiência visual"**. Guarulhos: UNIFESP, 2012. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da EFLCH. Disponível em: http://www2.unifesp.br/ciencias_sociais/dissertacoes-defendidas-versao-final/kenya-jeniffer-marcon. Acessado em: 01/04/2016.

MATTA, Roberto da. **Você tem cultura?**. Rio de Janeiro: Jornal da Embratel. 1981.

MELLO, A. Guedes de; NUERNBERG, A. Henrique. **Gênero e deficiência: interseções e perspectivas**. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, 2012.

MELLO, A. Guedes; NUENBERG, Adriano Henrique. **Corpo, gênero e sexualidade na experiência da deficiência: algumas notas de campo**. Salvador: III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidade. X, 2013, Grupo Enlace. Disponível em: http://www.sedese.mg.gov.br/conped/images/conferencias/corpo_genero_sexualidade.pdf. Acessado em: 01/05/2013.

MELLO, C. T. Vieira. **O documentário como gênero audiovisual**. Pernambuco, v.5 n.1/2, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/24168>. Acessado em: 05/01/2017.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5ª Edição, Campinas/SP: Papirus, 2010. Título original: Introduction of documentar, 2001. Traduzido por Saddy Martins.

WEEKS, Jeffrey. **O corpo e a sexualidade**. 2ª edição, Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Título original: Body and sexuality. Traduzido por Tomaz Tadeu da Silva. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/867_1567_louroguciralLopescorpoeducado.pdf. Acessado em: 24/04/2016.

APÉNDICE

APÊNDICE 1**Tabela 3 – Equipe inicial de produção**

Equipe de produção	
Produção	
Direção	Juliana Ribeiro
Roteiro	
Direção de fotografia	Laís Paiva Felipe Gabriel Bernardo
Direção e edição de som	Raquel Oyakawa
Montagem	Laís Paiva
Operação de câmera	Felipe Gabriel Bernardo Priscila Beal
Colorização	Felipe Gabriel Bernardo

Fonte: Produção nossa

APÊNDICE 2

Tabela 4 – Logística de gravação e orçamento prévio de produção

Logística de gravação + previsão de gastos (pré-produção)				
Gravação	Local	Valor de viagem + alimentação (aproximado)	Equipe	Dias (mínimo)
Márcia	São José do Rio Preto	R\$ 300,00	4 (Direção, 2 Fotografia, Som)	1
Marco	Porto Ferreira	R\$ 290,00	4 (Direção, 2 Fotografia, Som)	
Dafne	Curitiba	R\$ 1.050,00	3 (Direção, Fotografia, Som)	3 (2 de viagem, 1 de gravação)
Paula	São Paulo	R\$ 480,00	4 (Direção, 2 Fotografia, Som)	
Solidariedança		R\$ 480,00		

Obs.: tentar fazer as gravações de SP em uma viagem só

Alimentação (média de R\$ 30,00 por pessoa/dia)

Gastos sem adicionais R\$ 2.600,00

Gastos com adicionais R\$ 3.100,00
(previsão de reserva R\$ 500,00)

Produção nossa

APÊNDICE 3

Tabela 5 – Equipamentos e providências para cada dia de gravação - foi-se utilizado praticamente os mesmo equipamentos para todas as diárias.

PROGRAMA	ÁREA	RESPONSÁVEL
DOC: O CORPO DESEJA	EQUIPAMENTOS ALIMENTAÇÃO	JULIANA RIBEIRO
Providências	Dono	QTD.
Câmera 60D + 2 lentes + cartão classe 10	Felipe Gabriel Bernardo	1
Câmera T5i + 2 lentes + cartão classe 10	Alexandre Canda	1
Led	Alexandre Canda	1
Led	UNESP	2
Lapela	UNESP	2
Shotgun	UNESP	1
Tripé	UNESP	2
Steady	UNESP	1
Pedestal Microfone	UNESP	1
Zoom	UNESP	1
Cartão de memória 16 Gb	Raissa Constantino	1
Cartão de memória 16 Gb	Víctor Barboza	1
HD externo	Juliana Ribeiro	1
Computador 1	Juliana Ribeiro	1
Computador 2	Raquel Oyakawa	1
Alimentação		-
Água + copos		-

Produção nossa

APÊNDICE 4

Tabela 6 – Gastos realizados.

Controle de gastos		
Produto		Valor
HD externo 1tb	R\$	250,89
Passagens Curitiba	R\$	840,33
Pilhas	R\$	90,60
Autorização de imagem	R\$	7,00
Pilhas	R\$	77,01
Chocolate (agradecimento)	R\$	31,98
Gasolina Bauru – SP	R\$	126,57
Pedágio Bauru – SP	R\$	61,40
Gasolina SP – Bauru	R\$	135,00
Alimentação gravação	R\$	93,95
Pedágio SP - Bauru	R\$	61,40
Alimentação	R\$	50,00
Embalagem tripé	R\$	100,00
Padaria Curitiba	R\$	37,90
Uber Curitiba (soma)	R\$	88,99
Estacionamento Dafne	R\$	8,00
Correio	R\$	12,00
Gasolina São José do Rio Preto	R\$	109,00
Alimentação São José do Rio Preto	R\$	55,87
Gasolina Porto Ferreira	R\$	152,00
Gasolina Porto Ferreira (estrada)	R\$	80,00
Pedágio Porto Ferreira	R\$	29,20
Alimentação Porto Ferreira	R\$	40,00
Arte do DVD	R\$	150,00
Xerox autorização de imagem (Solidariedança)	R\$	10,00
DVDs (14 cópias)	R\$	90,00
Valor Total	R\$	2.789,09

APÊNDICE 5

Pré-roteiro produzido anteriormente à estrutura da narrativa anteriormente, modelo repassado pelo Canal Futura e arquivo enviado para os orientadores. – Sofreu algumas alterações para dar origem à estrutura narrativa.

PRÉ-ROTEIRO

Este é um documento importante, que servirá de base para a avaliação do corte final do seu documentário. O objetivo é estabelecer entre realizador e editor uma ponte consistente para que não haja ruído no processo de construção audiovisual ao longo da realização do projeto.

O pré-roteiro é um documento síntese e não deve conter mais de 3 páginas.

ABERTURA

O documentário vai se iniciar com imagens de corpos dos entrevistados, sem mostrar o rosto, para não mostrar a identidade deles, com a *voice off* dos convidados que fala sobre o que é deficiência, o que é a questão de normativa que reflete a uma busca pelo corpo perfeito, o corpo saudável. Também utilizará, em *voice off*, comentários de outros entrevistados que falam sobre como a sociedade vê confunde deficiência com doença, e que pessoas com doença não precisam se preocupar com sexo e sim em se tratar.

Alguns trechos base (ainda não selecionados):

PAULA: mostra o quanto essas pessoas enxergam isso como uma doença né, como um problema, como algo que seja a única coisa que você tem que resolver na sua vida. Isso faz com que as pessoas pensem que o seu único objetivo na vida é se reabilitar pra andar, por exemplo no caso de um cadeirante. // . Então eu acho que essa visão de doente faz com que a gente perca a naturalidade de olhar o ser humano // . Então eu acho que a sociedade de um modo geral ainda tem essa visão, isso dificulta, enxergar a pessoa com deficiência como pessoa.

MÁRCIA: A sociedade nos olham como, ainda com uma visão muito paternalista, muito assistencialista, muito infantilizada. Se você tem uma deficiência ou não, num conta. Mas você está entendendo a jogada? É muito infantilizado//Nossa, ela é tão bonita, pena que ela é desse jeito. Isso eu ouvi muito, muito muito.

MARCO: A gente tá colocando os corpos em perspectivas, onde eles relacionam intimamente, onde o sexo é politicamente orientado. A gente não transa com quem a gente quer, a gente transa com as pessoas que estão ao longo da nossa sociedade e das nossas relações. Existem padrões, existem normativas que nos regem, digamos assim, num dado limite, obviamente, para nos relacionarmos com pessoas bonitas, sem defeito, perfeitas, cheirosas, atléticas, enfim. Existe toda uma expectativa que o corpo do outro seja completamente acessível para um prazer momentâneo. Então quando a gente analisa o sexo através dessa perspectiva somente fisiológica, a gente perde muito do seu caráter histórico com relação a outras categorias, como deficiência, como gênero. Então é discutir essas questões. Eu acho que sexualidade é um momento em que a gente constrói os corpos. Tanto no sentido biológico, onde a cópula, a reprodução, é considerada o limite da natureza, mas também no sentido que a gente constrói os nossos corpos em contato com o outro. Nesse nosso momento de interação é que a gente tá construindo definitivamente o que é sexualidade, porque a gente está colocando isso em discurso e ao mesmo tempo tá passando por nossa cabeça várias situações que a gente não traz, exatamente, pro plano material. Mas quando a gente traz a questão a gente já começa a pensar como os nossos corpos se constroem somente no contato com o outro, e quais as possibilidades desses corpos é que é interessante da gente pensar e como que a gente faz para esses corpos se conectem.

DESENVOLVIMENTO

Agora os personagens vão ser apresentados, com rostos, mostrando quem é quem. Aqui também mostrará que quem está falando com eles é uma pessoa dentro do próprio grupo, por isso muitas vezes alguns colocam termos como "a gente" "nós" mostrando que todos estão dentro do meio.

Também será intercalado com imagens de corpos, manias e modos dos entrevistados falar. Também serão inseridos *inserts* do próprio corpo do entrevistador, podendo, muitas vezes, ser um corpo genérico, podendo ser qualquer pessoa, já que não importa que corpo estão falando.

Aqui a discussão inicial vai ser o que é sexualidade, para mostrar ao telespectador do que é o assunto principal e vão ser interligadas as respostas. Mostrando tanto a opinião, quanto contando casos relacionados ao tema.

Tópicos discutidos, principalmente foram:

- O que é sexualidade?

- Como a sociedade vê a pessoa com deficiência e o que isso pode interferir na forma que a pessoa se vê.
- Experiências/Histórias que possam ter influenciado a percepção do que é sexualidade
- O que falta nas escolas, nas famílias na discussão do tema.

DESFECHO

O desfecho vai começar com a conversa do que até então é feito sobre as discussões do tema, que caminhos elas estão levando. E a pergunta que foi feita para todos os entrevistados e as respostas diferente de cada um: Você se sente uma pessoa completa?

Para complementar o contexto, será colocado imagens de cobertura da dança de cadeiras de rodas e também imagens que mostram a entrevistadora como alguém na cadeira de rodas, sendo parte do grupo discutido.

Trecho interessante para se usar no fim:

MARCO: "Produções de pessoas que se considerem com deficiência que comecem a trazer pra discussão essas questões de sexualidade, essas questões de deficiência e gênero, porque é importante a gente trazer o debate sobre o corpo e sociedade, pros jovens e crianças, não pensando somente em modelar esse comportamento, por um comportamento mais aceitável, mas também para produzir um pensamento crítico, onde as crianças, jovens e adolescentes, possam enxergar no outro uma possibilidade de relação."

ANEXO

ANEXO 1

Imagem 19 – Modelo de autorização de imagem e voz/imagem voz e performance (folha 1)



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E VOZ / IMAGEM, VOZ E PERFORMANCE

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado(a) e identificado(a), autorizo gratuitamente, de forma irrevogável e irrevogável, a **Fundação Roberto Marinho**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 29.527.413/0001-00, sediada na Rua Santa Alexandrina, nº 336, Rio Comprido, Rio de Janeiro/RJ, a utilizar minha imagem e voz e, eventualmente, performance musical, captadas durante _____, para fins de inserção em obras audiovisuais que comporão a série atualmente intitulada _____.

Reconheço expressamente que a **Fundação Roberto Marinho** e/ou terceiros a ela associados para o fim da produção das obras na qual serão inseridas minha imagem e voz, poderão livremente das referidas obras dispor, bem como de seus extratos, trechos ou partes, dando-lhe qualquer utilização econômica, sem que a mim caiba qualquer remuneração ou compensação, podendo, exemplificativamente, adaptá-la para fins de produção de obras audiovisuais novas, para fins de exibição em circuito cinematográfico, fotonovelas, obras literárias, peças teatrais e/ou peças publicitárias, utilizá-la para matéria promocional em qualquer tipo de mídia, inclusive impressa, seja para fins de divulgação da referida obra, para a composição de qualquer produto ligado à mesma (tais como mas não limitados a capas de CD, DVD, “home-video”, DAT, entre outros), assim como para a produção do “making of” da referida obra; fixá-la em qualquer tipo de suporte material, tais como películas cinematográficas de qualquer bitola, CD (“compact disc”), CD ROM, CD-I (“compact-disc” interativo), “home video”, DAT (“digital audio tape”), DVD (“digital video disc”) e suportes de computação gráfica em geral, armazená-la em banco de dados, exibi-la através de projeção em tela em casas de frequência coletiva ou em locais públicos, com ou sem ingresso pago, transmiti-la via rádio e/ou televisão de qualquer espécie (televisão aberta ou televisão por assinatura, através de todas as formas de transporte de sinal existentes, exemplificativamente, UFH, VHF, cabo, MMDS e satélite, bem como independentemente da modalidade de comercialização empregada, incluindo “pay tv”, “pay per view”, “near vídeo on demand” ou “video on demand”, independentemente das características e atributos do sistema de distribuição, abrangendo plataformas analógicas e digitais, com atributos de interatividade ou não), adaptá-la para forma de minissérie, comercializá-la ou alugá-la ao público em qualquer suporte material existente, promover ações de *merchandising* ou veicular propaganda, bem como desenvolver qualquer atividade de licenciamento de produtos e/ou serviços derivados da referida obra, disseminá-la através de Internet ou telefonia fixa ou móvel, utilizá-la em parques de diversão, inclusive temáticos, ceder os direitos autorais sobre a obra a terceiros, para qualquer espécie de utilização, produzir novas obras audiovisuais (“re-makes”), utilizar trechos ou extratos da mesma, ou, ainda, dar-lhe qualquer outra utilização que proporcione à **Fundação Roberto Marinho** ou terceiros à ela associados para o fim da produção da obra, alguma espécie de vantagem econômica.

Rua Santa Alexandrina, 336 - Rio Comprido - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20261-232 - Tel (21) 3232-8800 - www.futura.org.br

Imagem 20 – Modelo de autorização de imagem e voz/imagem voz e performance (folha 2)

Adicionalmente, autorizo a sincronização e veiculação de qualquer obra e performance musical por mim criada previamente e/ou executada durante a captação de imagens para utilização na obra citada, conforme parágrafo acima, razão pela qual, neste ato, abro mão de qualquer direito de sincronização e execução, não cabendo a mim qualquer remuneração ou indenização quando do uso, gozo e fruição de direitos de exibição e exploração mencionados naquele mesmo parágrafo.

Nenhuma das utilizações previstas acima, ou ainda qualquer outra que pretenda a Fundação Roberto Marinho ou terceiros a ela associados/licenciados dar à obra e/ou às imagens cuja utilização foi autorizada através deste termo, têm limitação de tempo ou de número de vezes, podendo ocorrer no Brasil e/ou no exterior, sem necessidade de autorização específica ou que seja devida a mim qualquer remuneração ou indenização.

Elegem as partes o foro da Comarca da Cidade do Rio de Janeiro/Brasil, como único competente para dirimir quaisquer dúvidas ou controvérsias oriundas deste instrumento.

....., de de

Nome: _____
Assinatura: _____
End.: _____
CPF: _____

Pais/Responsável Legal, se o retratado for menor de idade

Nome(s) _____
Assinatura(s) _____
End.: _____
CPF: _____

Caso o retratado seja menor de idade, este termo deverá contar com a assistência dos pais ou responsável legal (se com idade de 16 ou 17 anos) ou com a representação dos pais ou responsável legal (se com idade inferior a 16 anos completos).

Caso apenas um dos pais assine, ou caso assine outrem que não os pais, pedimos por gentileza ao signatário acima justificar abaixo a representação ou ausência de um dos pais.

A referência à performance musical agregada à imagem e voz só é aplicável se o signatário tiver obra sua sincronizada ou realizar qualquer performance musical (de qualquer natureza, tais como: percussão, utilização de instrumentos de qualquer espécie, vocalização, sonorização ou qualquer execução de qualquer performance sonora / musical, original ou não), do contrário, serão aplicáveis apenas, com plena eficácia, as condições de utilização referentes à imagem e voz.

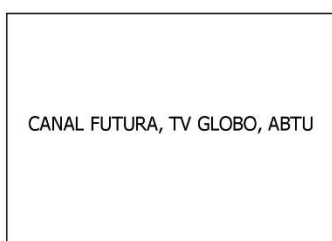
ANEXO 2**Imagem 21 – Informações técnicas para o produto de acordo com o Canal Futura****Créditos**

Como beneficiários dos recursos deste Chamado Público, todos os produtos finais deverão obrigatoriamente incluir as informações abaixo:

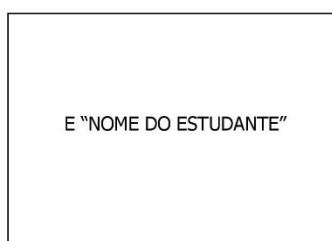
ABERTURA:

- Início – Créditos na tela:

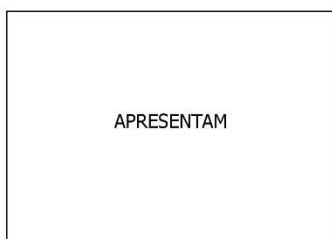
PRIMEIRA TELA



SEGUNDA TELA



TERCEIRA TELA



QUARTA TELA

**ENCERRAMENTO:**

- Antes dos créditos de encerramento:

NO CENTRO DA TELA

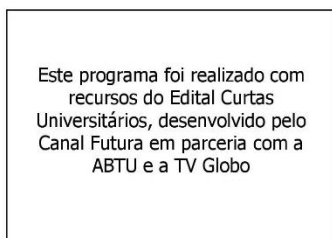


Imagem 22 – Informações técnicas para a elaboração do produto de acordo com o Canal Futura (2)

Os créditos de encerramento devem seguir o seguinte padrão e ordem de exibição:

- 1) Agradecimentos (se necessário)
- 2) Descrição das funções da equipe de produção da Produtora independente.
- 3) Logomarca da produtora independente (esta logomarca deve ser inserida após o último crédito da equipe da produtora e antes da equipe do Canal Futura, que deve vir numa tela separada. Esta logomarca deve respeitar o padrão de exibição de logos do Futura, com ocupação de, no máximo, 30% da tela).

CANAL FUTURA

Coordenador de Jornalismo e Mídias Digitais
José Brito Cunha

Produtora de Internet
Angélica Bastos

Coordenadoras de Produção
Luciana Souza
Joana Levy

Estagiário de Produção
Matheus Rodrigues

Videografismo
Herbert Cohn

Gerente de Conteúdo e Mídias Digitais
Débora Garcia

Gerente Geral Adjunto
João Alegria

Gerente Geral
Lúcia Araújo

Supervisão Geral
Hugo Barreto

Envio de off line (primeiro corte)

O envio do primeiro corte não precisa estar em alta resolução. Esta versão é importante para análise de conteúdo e uso das artes gráficas. Este material pode ser enviado por FTP ou por outras plataformas, como Dropbox, Wettransfer, YouTube e Vimeo, desde que seja com acesso restrito e senha para uso.

Aprovação do off line (primeiro corte)

Cada editor do Canal Futura responsável por um projeto terá, em média, ***duas semanas*** para aprovar o *off-line*. Em caso de possíveis ajustes ou alterações indicadas pelo editor, o *off-line* deverá ser reenviado.

Fonte: Canal Futura – Entregue aos selecionados pelo edital Curta Universitários 2016

Imagem 23 – Informações técnicas para a elaboração do produto de acordo com o Canal Futura (3)'

Envio do corte final

Com *off-line* aprovado, o realizador deverá enviar, **via FTP**, (no mesmo endereço acima) o corte final do projeto em alta resolução para exibição.

Este envio **PARA EXIBIÇÃO** deverá seguir os seguintes critérios:

1. Norma de edição e processamento de vídeo

1.1. Em ilhas digitais, evitar conversões de formatos de compressão de arquivos

2. Norma de exibição

Os padrões técnicos adotados pelo Canal Futura nos programas a serem exibidos devem apresentar os seguintes níveis de **I.R.E.** (Institute of Radio Engineers)

2.1. Vídeo

2.1.1. Nível de Vídeo: 100 IRE;

2.1.2. Nível de chroma: 40 IRE;

2.1.3. O PGM deve ser gravado com **DROP FRAME**;

Visualização dos padrões de exibição



Nível de Vídeo

Nível de Chroma

Fase de chroma

2.2. Áudio

2.2.1. **Canal 1** áudio mixado;

2.2.2. **Canal 2** áudio mixado;

2.2.3. **Áudio digital**: o nível de áudio dinâmico deve modular em -20 dB, sendo o Pico máximo em -10 dB.

Arquivo FTP - Broadcasting Futura

Quicktime (arquivos .mov)

Vídeo: H264 50 Mbps, vídeo entrelaçado, even (lower filed first)

1920x1080

29.97 fps,

Imagem 24 – Informações técnicas para a elaboração do produto de acordo com o Canal Futura (4)

Relação de aspecto 16:9.

Áudio: Sem compressão.

O realizador pode optar por preservar a safe área de 4:3, se julgar melhor, como no exemplo:



Tempo do programa:

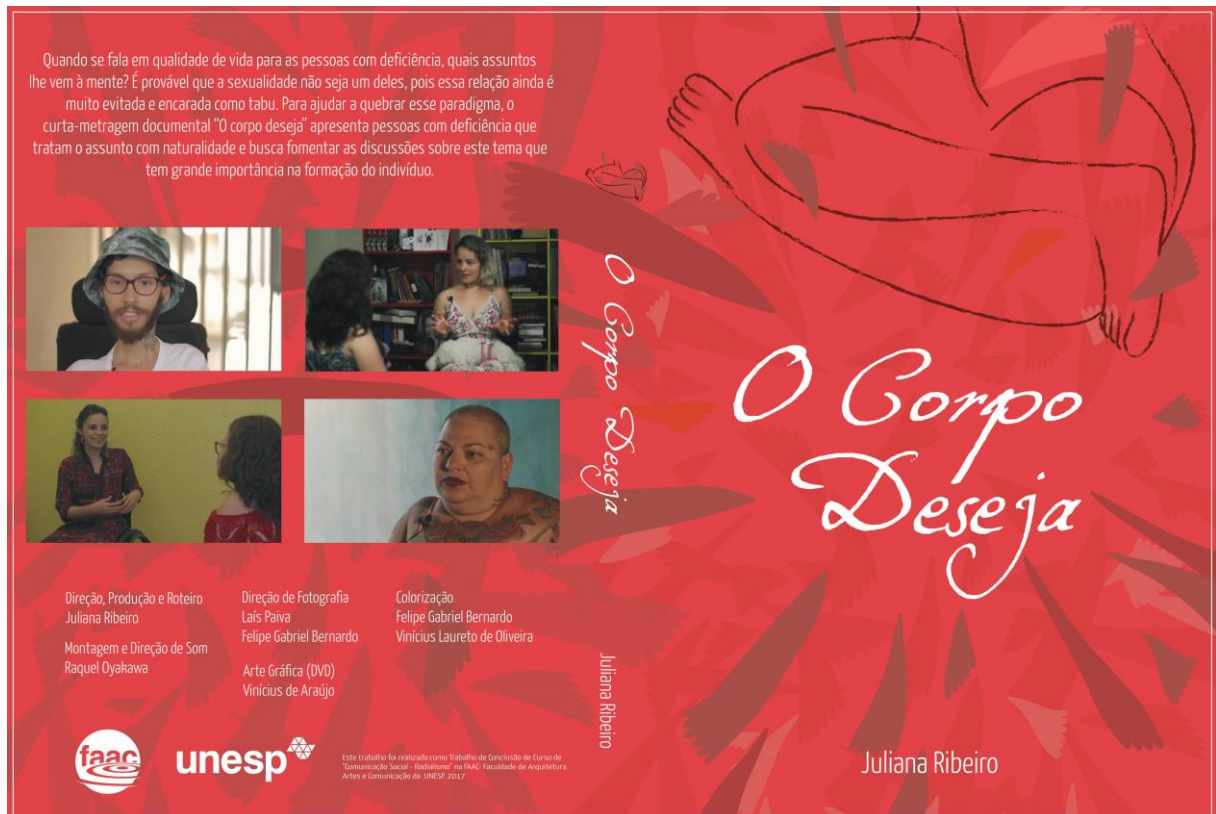
Cada programa deve ter duração aproximada de 13 minutos, em bloco único, com uma mínima tolerância para mais ou para menos.

Autorização para uso de imagens

- Para exibição no Canal Futura, precisamos que todas as pessoas que são entrevistadas no programa assinem o termo de autorização do uso de imagem e voz (em anexo).
- Vale lembrar que registros de performance musical, pessoas em close também necessitarão de autorizações.
- O Futura disponibiliza modelos de autorização conforme em anexo. Para os casos de uso em outras línguas, favor requisitá-los à produção do canal.

ANEXO 3

Imagem 25 – Arte do DVD (capa)



Fonte: Produção nossa

Imagem 26 – Arte do DVD (disco)



Fonte: Produção nossa

ANEXO 4**Poesia “O Corpo deseja”, desenvolvido para o documentário.**

O Corpo deseja desejar o corpo

Enseja correspondência

Acesso ao corpo,

Ao seu,

Ao toque o outro.

O corpo deseja ser contemplado com desejo

Ser devaneio erótico alheio

Experiência, satisfação e princípio em si mesmo.

O corpo deseja ser

Desejante, desejável, desejo

Complementar

E pleno.